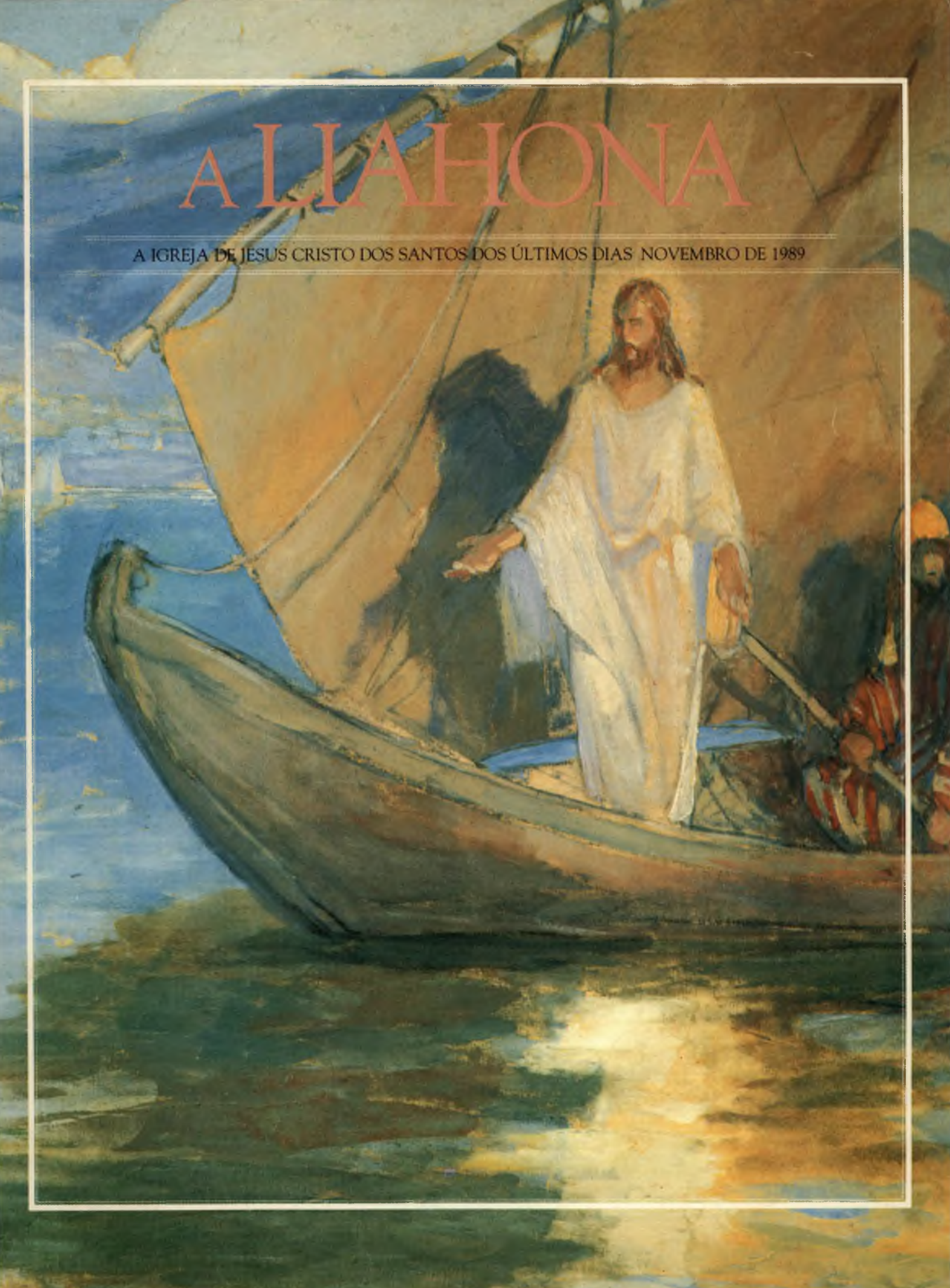
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS NOVEMBRO DE 1989



A LIAHONA

Novembro de 1989 Volume 42 nº 11
PBMA8911PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas Ensign, New Era e Friend.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Diretor de Arte: M. Masato Kawasaki

Desenho: Sharri Cook

Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Leônidas Francisco da Silva

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **NCz$ 25,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **NCz$ 2,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - São Paulo - SP - CEP 05512 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah.
Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.
Printed in Brazil.

POSTMASTER: Send adress changes to *A Liahona* at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150 U.S.A.

Capa: "Cristo Pregando do Barco", de Minerva Teichert (1888-1976), uma artista do Estado de Utah. Vide "Minerva Teichert: Artista" na página 18 desta edição.

ÍNDICE

2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:**
NÃO CONTENDAIS COM OS OUTROS Presidente Gordon B. Hinckley

7 **A FAMÍLIA KNIGHT:** Parte II William G. Hartley

13 PREPARADOS PARA RECEBER O EVANGELHO Susan Easton Black

18 MINERVA TEICHERT: ARTISTA Jan Underwood Pinborough

25 A RESPOSTA Deane E. Haynes

26 ELE PERDEU AS PERNAS—MAS NÃO O CORAÇÃO Birdie Strong

28 A CORAGEM NO DIA-A-DIA Ron Woods

32 AOS MEUS AMIGOS SOLTEIROS Élder John K. Carmack

38 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:** A VIDA É ETERNA

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

39 **COMPARTILHAR COM OS JOVENS:** MENSAGENS SOBRE SERVIÇO

40 ELES TÊM SUA RECOMPENSA Élder Dean L. Larsen

43 SERVIÇO VERDADEIRO Kirsten Andersen

44 "O SUCESSO DE MEUS IRMÃOS" Bispo Glenn L. Pace

47 POR QUE OS MISSIONÁRIOS SERVEM? A. Lynn Scoresby

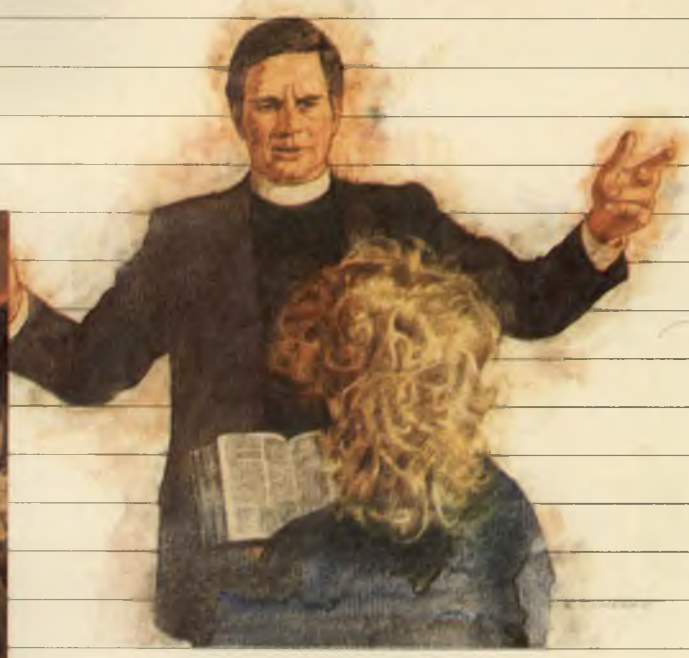
SEÇÃO INFANTIL

2 **DE UM AMIGO PARA OUTRO:** ÉLDER HANS B. RINGGER

4 SAMA, O POLEGAR Greg Larson

7 A PALAVRA DE SABEDORIA

8 **SÓ PARA DIVERTIR:**
SAMUEL, O LAMANITA Julie Wardell



MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

NÃO CONTENDAIS COM OS OUTROS

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Os dias sobre os quais nossos antepassados falaram já chegaram. Esta é a época do cumprimento das profecias, e sou grato por estar vivo e fazer parte desta obra vibrante e maravilhosa, que está afetando positivamente tantas pessoas, em tantas partes do mundo. Este crescimento não é uma vitória do homem; é a manifestação do poder de Deus. Espero que nunca nos sintamos orgulhosos nem nos vangloriemos disto. É minha oração que sejamos sempre humildes e gratos.

Uma manifestação extraordinária ocorreu numa manhã de abril, no ano de 1820, quando o Pai e o Filho apareceram ao menino Joseph Smith. Todo o bem que vemos na Igreja hoje é o fruto dessa visitação extraordinária, e o testemunho desse evento tem tocado o coração de milhões de pessoas, em muitas terras. Acrescento meu próprio testemunho, que me foi dado pelo Espírito, de que a descrição daquele evento maravilhoso, feita pelo Profeta, é verdadeira; que Deus, o Pai Eterno, e o Senhor Jesus Cristo ressuscitado, falaram com ele naquela ocasião, numa conversa real, pessoal e particular, como são nossas conversas hoje. Elevo minha voz em testemunho de que Joseph foi um profeta, e que a obra iniciada por sua instrumentalidade é a obra de Deus.

Em 1845, menos de um ano após a morte de Joseph, Parley P. Pratt escreveu um resumo do trabalho do Profeta e uma declaração, falando de nossa obrigação de continuá-lo. Suas palavras, poéticas em sua beleza, são as seguintes:

"Ele organizou o reino de Deus. — Nós estenderemos seu domínio.

Ele restaurou a plenitude do evangelho. — Nós o levaremos ao mundo.

Ele iluminou a aurora de um dia de glória. — Nós o levaremos a todo o seu esplendor.

Ele era 'pequenino', e transformou-se em um mil. — Nós somos pequenos, e nos transformaremos numa poderosa nação.

Resumindo, ele extraiu a pedra . . . Nós a faremos transformar-se numa grande montanha que encherá a terra." (*Millennial Star*, 5 [março 1845]: 151–152.)

Estamos presenciando o cumprimento gradual daquele sonho. Espero que sejamos leais e fiéis ao sagrado encargo que nos foi dado de construir este reino. Nossos esforços serão acompanhados de tristezas e contratempos. Podemos esperar oposição, tanto específica como sofisticada. Com o crescimento da obra, podemos esperar um fortalecimento dos esforços do adversário contra ela. Nossa melhor defesa é a ofensiva pacífica da lealdade aos ensinamentos que nos chegam através daqueles que apoiamos como profetas de Deus.

"Ide com toda humildade, sobriedade, e pregai Jesus Cristo, o Senhor crucificado; não contendais com os outros devido a sua fé ou sistemas de religião, mas segui um curso firme."

Joseph Smith nos instruiu a respeito da situação na qual nos encontramos. Disse ele: "Ide com toda humildade, em sobriedade, e pregai sobre Jesus Cristo,

Clark Kelley Price

o Senhor crucificado; não contendais com os outros devido à sua crença ou sistemas de religião, mas segui um curso firme. Isto vos dou como mandamento, e todos os que não o observarem atrairão perseguições sobre suas cabeças, enquanto que os que obedecem a esta instrução estarão sempre cheios do Espírito Santo; isto pronuncio como profecia."

Gostaria de usar algumas dessas palavras como tema: *Não contendais com os outros, mas segui um curso firme.*

Vivemos numa época de valores inconstantes, de padrões que se alteram, de programas indefiníveis que nascem pela manhã e morrem ao anoitecer. Vemos isto nos governos; vemos isto na moral pública e particular; vemos isto nos lares; nas igrejas; vemos isto até entre alguns de nossos próprios membros, que são enganados pelos sofismas dos homens. Os homens de todas as partes parecem estar tateando como homens na escuridão, abandonando as tradições que constituíam a força de nossa sociedade, sem, contudo, encontrar uma nova estrela que os conduza.

Há muitos anos, li um artigo provocativo escrito pela falecida Bárbara Tuchman, historiadora que recebeu o Prêmio Pulitzer. Ela disse:

"No que concerne a líderes, temos até uma super abundância deles, prontos e desejosos de guiar a população. Eles se apressam em reunir a opinião geral, avolumar a maior aceitação possível, mas o que não fazem de maneira clara é parar e dizer: 'É *nisto* que eu acredito. É isto que farei e isto é o que não farei. Este é meu código de conduta e tais coisas não fazem parte dele. Isto é ótimo, e aquilo é lixo.' Em geral, existe uma ausência de liderança moral, no que diz respeito à falta de vontade em declarar padrões . . .

De todos os problemas que nossa pobre . . . sociedade desenvolveu, aquele que me parece central, e do qual resulta grande parte de nossa inquietude e confusão, é a ausência de padrões. Somos demasiadamente inseguros para sustentá-los, para defendê-los e, se necessário, no caso de pessoas que ocupam posições de autoridade, para impô-los. Parece que estamos sendo afetados por uma difundida e destrutiva relutância em tomar posição a respeito de valores, sejam eles morais, comportamentais ou estéticos."

Embora os padrões das pessoas em geral estejam vacilando, nós, da Igreja, não temos desculpas para enveredar pelo mesmo caminho. Temos padrões seguros, testados e eficazes. Progrediremos conforme os seguirmos. Se os negligenciarmos, nosso progresso será prejudicado e serviremos de estorvo à obra do Senhor. Estes padrões nos foram dados por ele. Alguns podem parecer um pouco fora de moda em nossa sociedade, mas isto não diminui sua validade nem tampouco a virtude de sua aplicação. Os sutis raciocínios do homem, por mais brilhantes que sejam, por mais plausíveis que pareçam, não podem suplantar a declarada sabedoria de Deus.

Um patriarca de estaca certa vez disse algo que nunca esqueci: "Deus não é um político celestial buscando nossos votos. Ao invés disso, Deus deve ser encontrado, e Deus deve ser obedecido."

O aspecto positivo é que a obediência traz felicidade; ela nos dá paz; ela provoca o desenvolvimento—tudo isto para benefício do indivíduo, sendo que o bom exemplo confere respeito à instituição da qual ele é parte.

Os Padrões do Senhor

O fato de seguirmos estes padrões divinamente conferidos não deve ser uma coisa ofensiva para os que nos rodeiam. Não precisamos contender com eles. Se seguirmos, porém, um curso firme, nosso próprio exemplo se tornará o argumento mais eficiente que poderíamos apresentar em defesa das virtudes da causa com a qual nos associamos.

O Senhor nos deu conselhos e mandamentos concernentes a tantas coisas, que nenhum membro desta Igreja precisará jamais equivocar-se. Ele estabeleceu diretrizes a respeito da virtude pessoal, do amor ao próximo, da obediência à lei, da lealdade ao governo, da observância do Dia do Senhor, da sobriedade e da abstinência de bebidas alcoólicas e fumo, do pagamento de dízimo e ofertas, do cuidado dos pobres, de cultivar o lar e a família, de compartilhar o evangelho, e muitas outras coisas.

Não há necessidade de discussões ou contendas a respeito de qualquer desses pontos. Se formos firmes ao aplicar nossa religião, estaremos lutando pela causa de maneira mais eficiente do que qualquer outra.

Haverá pessoas que tentarão afastar-nos do caminho. Outras tentarão seduzir-nos. Poderemos ser desacreditados. Poderemos ser humilhados. Poderemos ser atacados verbalmente. Poderemos ser ridicularizados diante do mundo. Haverá pessoas, dentro e fora da Igreja, que tentarão fazer-nos mudar de posição em algumas questões, como se fosse nossa prerrogativa usurpar uma autoridade que pertence apenas a Deus.

Harold I. Hopkinson

Não temos qualquer desejo de discutir com os outros. Ensinamos o evangelho da paz. Mas não podemos abandonar a palavra do Senhor, que chegou até nós através de homens que apoiamos como profetas. Precisamos levantar-nos e dizer, citando novamente as palavras da senhorita Tuchman: "É nisto que eu acredito. É isto que farei e isto é o que não farei. Este é meu código de conduta e tais coisas não fazem parte dele."

Haverá ocasiões em que ficaremos desanimados e muito preocupados. Certamente haverá momentos de decisão na vida de cada um de nós. Foi sempre assim.

A Fé Demonstrada por Nossos Antepassados

Todos os homens e mulheres desta Igreja sabem do preço pago por nossos antepassados por sua fé. Isto me vem à lembrança quando leio a narrativa da avó de minha esposa. Ela conta a respeito de sua infância em Brighton, aquela deliciosa cidade na costa sul da Inglaterra, onde as colinas suaves e verdes de Sussex descem para o mar. Foi lá que sua família se batizou. Sua conversão foi uma coisa natural, pois o Espírito lhes sussurrou que aquilo era verdadeiro. Tiveram contudo que enfrentar críticas de parentes e vizinhos, e até populachos que os ridicularizaram e instigaram outros contra eles. Foi preciso coragem, essa qualidade rara descrita como coragem moral, para enfrentar tudo e defender suas crenças, para serem batizados e reconhecidos como mórmons.

A família viajou para Liverpool, onde, juntamente com cerca de outras novecentas pessoas, embarcou no navio a vela, *Horizon*. Quando o vento tocou as velas, eles cantaram "Farewell, My Native Land, Farewell" (Adeus, Minha Terra Natal, Adeus).

"Encontramos as companhias de carrinhos-de-mão naquele dia. Vimos quando cruzaram o rio. Havia grandes pedaços de gelo flutuando no rio. Estava terrivelmente frio. No dia seguinte havia quatorze mortos."

Após seis semanas no mar—tempo que levava para percorrer a distância que um avião a jato cobre hoje em seis horas—eles desembarcaram em Boston,

Massachusetts, e depois viajaram num trem a vapor para a Cidade de Iowa, para adquirir os equipamentos de que necessitavam. Lá compraram duas juntas de bois, uma de vacas, um carroção e uma tenda. Foram designados para viajar com uma das companhias de carrinhos-de-mão, e para ajudá-la. Em Iowa, o filho caçula, que tinha menos de dois anos de idade, morreu devido aos rigores do tempo e foi enterrado numa sepultura nunca mais visitada por uma pessoa da família.

Gostaria de ler algumas palavras desta jovem de treze anos, tiradas de sua própria história:

"Viajamos de 24 a 40 quilômetros por dia . . . até encontrar o Rio Platte. . . . Encontramos as companhias de carrinhos-de-mão naquele dia. Vimos quando cruzaram o rio. Havia grandes pedaços de gelo flutuando no rio. O frio era inclemente. No dia seguinte havia quatorze mortos. . . . Voltamos para o acampamento e fomos às orações. Cantamos o hino 'Vinde, ó Santos' e eu fiquei imaginando o que fizera minha mãe chorar (naquela noite) . . . na manhã seguinte minha irmãzinha nasceu. Era 23 de setembro. Ela recebeu o nome de Edith, viveu seis semanas e morreu. . . . (Foi enterrada na última passagem do Rio Sweetwater.)

(Estava nevando forte. Fiquei perdida na neve.) Meus pés e minhas pernas estavam gelados. . . . Esfregaram-me com neve. Colocaram meus pés num balde de água. A dor era terrível. . . .

Quando chegamos ao Devil's Gate (Portão do Diabo), fazia muito frio. Deixamos muitas de nossas coisas lá. . . . Meu irmão James jantou bem, e estava ótimo quando foi para a cama (naquela noite). De manhã, ele estava morto. . . .

Meus pés estavam enregelados e também meu irmão . . . e minha irmã . . . tinham seus pés enregelados. Só se via neve (neve por toda parte e o fustigante vento do Wyoming). Não podíamos enfiar as estacas no solo para nossas barracas. . . . Não sabíamos o que iria acontecer conosco. (Então) uma noite, um homem chegou ao nosso acampamento e nos disse . . . que Brigham Young havia enviado homens e animais para nos ajudar. . . . Cantamos, alguns dançaram e muitos choraram. . . . Minha mãe não se havia recuperado. . . . Ela morreu entre a Montanha Pequena e a Grande. . . . Contava 43 anos de idade. . . .

Chegamos à Cidade do Lago Salgado às nove horas da noite de 11 de dezembro de 1856. Três, em cada quatro que estavam vivos, estavam enregelados. Minha mãe estava morta na carroça. . . . Na manhã seguinte o Irmão Brigham Young entrou. . . . Ao ver nossas condições—nossos pés congelados e nossa mãe morta—lágrimas correram-lhe pelas faces. . . .

O médico amputou meus artelhos . . . (enquanto) as irmãs estavam vestindo mamãe para ser sepultada. . . . Quando meus pés estavam tratados (carregaram-nos) para ver nossa mãe pela última vez. Oh, como pudemos suportar? Naquela tarde ela foi enterrada. . . .

Tenho pensado muito nas palavras de minha mãe antes de deixarmos a Inglaterra. 'Polly, quero ir para Sião enquanto meus filhos são pequenos, para que eles sejam criados dentro do evangelho de Cristo. Sei que esta Igreja é verdadeira.'" (*Life of Mary Ann Goble Pay*, citado em *Meu Reino Avançará*, pp. 38–39.)

Termino com esta pergunta: Devemos ficar surpresos se precisarmos enfrentar algumas críticas, fazer algum pequeno sacrifício por nossa fé, quando nossos antepassados pagaram um preço tão alto pela deles?

Sem contendas, sem brigas, sem ofensas, vamos seguir um curso firme, edificando sempre o reino de Deus. Se surgirem problemas, vamos enfrentá-los calmamente. Vamos vencer o mal com o bem. Esta obra é de Deus. Ela continuará a fortalecer-se na terra, tocando a vida de inúmeras pessoas cujos corações responderão positivamente à mensagem da verdade. Nenhum poder sob o céu pode detê-la. Esta é a minha fé e este é o meu testemunho. Deus nos ajude a sermos dignos deste nosso grande e sagrado encargo de construir seu reino. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos Que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los na mensagem de mestre familiar:

1. Presidente Hinckley diz que o crescimento da Igreja não é uma vitória dos homens, mas uma manifestação do poder de Deus.

2. Embora os padrões do mundo mudem constantemente, nós, na Igreja, temos padrões eternos que nos foram dados pelo Senhor.

3. Nossa melhor defesa contra o adversário é a ofensiva pacífica da lealdade aos ensinamentos dos profetas do Senhor.

4. "Haverá momentos em que nos sentiremos desanimados e muito preocupados", diz o Presidente Hinckley. Acrescenta ele, porém, "Se surgirem problemas, vamos enfrentá-los calmamente. Vamos vencer o mal com o bem. Esta é a obra de Deus."

Paul Mann

A FAMÍLIA KNIGHT

PARTE II

William G. Hartley

Na edição de outubro, William G. Hartley contou como a família de Joseph Knight travara amizade com Joseph Smith e se tornara testemunha fiel e leal de sua obra divina. Sua crença no evangelho restaurado era tão grande que eles, voluntariamente, renunciaram a suas casas em Nova York, suas terras e seu modo de vida, para seguir o Profeta na mudança para Ohio, em 1832. Em 1833, novamente em obediência ao conselho do Profeta, mudaram-se para Missouri. Mas Missouri não seria o seu lar por muito tempo, e os desafios que haviam enfrentado até ali não passaram de uma amostra do que os esperava.

Perto de Independence, Missouri, a família Knight trabalhou para fazer da área um lugar central para Sião e para um grande templo. Quando doze homens colocaram o primeiro pedaço de madeira para servir como alicerce de Sião, cinco deles eram da família Knight. Newel Knight foi um dos sete homens que dedicaram o terreno do templo no Condado de Jackson. Para o clã dos Knight, tais cerimônias representavam a esperança de um grande futuro, apesar das tragédias ocorridas entre

eles. A esposa de Newel Knight passara tão mal na viagem de Ohio a Missouri, que ele carregara madeira para o seu caixão. O "maior desejo" dela, ele escreveu, era "pisar na terra de Sião e ser enterrada" lá. Ela foi o primeiro membro da Igreja sepultado em Missouri. Naquele ano, a morte levou mais dois Knight—Esther, irmã de Newel, e seu tio, Aaron Culver.

Esta colônia da Igreja teve um ano atarefado com a construção de casas, colocação de cercas, estabelecimento de lares e, nesse período, consagravam as propriedades da colônia para viverem em sistema cooperativo. Quando a Igreja organizou um conselho de sumos sacerdotes para governar a estaca de Missouri, Newel Knight foi chamado para integrá-lo. Ele continuou como presidente daquele que ainda era chamado Ramo de Colesville. Seis homens da família Knight também ofereceram seus trabalhos como parte dos planos para a futura construção do Templo de Independence.

Pai Knight casou-se novamente com Phoebe Crosby Peck, cunhada de sua primeira esposa, que era viúva. Phoebe tinha já quatro filhos, e o casal teve mais dois. Contando os quatro filhos de Phoebe, o casal ficou com treze filhos.

No último semestre de 1833, o povo de Missouri expulsou os santos, incluindo a família Knight, do Condado de Jackson.

Os arruaceiros atiraram em Philo Dibble, que foi salvo por Newel Knight por uma notável bênção do sacerdócio.[1] Temendo por sua vida, a família Knight enfrentou os rigores do frio e partiu em direção às barcas do Rio Missouri. Joseph Knight Jr. contou que mulheres e crianças caminhavam descalças pelo solo congelado. Eles perderam todos os seus bens, incluindo um moinho de cereais. Sobre aquele terrível inverno, a irmã de Sally Knight, Emily Colburn Slade, recorda: "Vivemos em barracas até o início do inverno, e cozinhávamos fora, em meio ao vento e às tempestades."[2] Devido à alimentação e abrigos precários, muitos santos ficaram com uma febre que era chamada de ague (provavelmente malária). Sally foi uma dessas pessoas. Ela deu à luz um filho, que morreu, e depois ela própria faleceu. "Ela morreu, verdadeiramente, como uma mártir do evangelho", disse o marido, Newel, em seu discurso no funeral.

Em 1835, Newel viajou para Ohio, a fim de auxiliar na construção do templo, e receber suas bênçãos. Em Kirtland, hospedou-se com seus bons amigos, Hyrum e Jerusha Smith. Lá conheceu e apaixonou-se por Lydia Goldthwaite Bailey, cuja crença em Joseph Smith era tão forte quanto a dele.

Alguns anos antes o marido de Lydia a abandonara, e ambos os seus filhos haviam morrido. A família, então, enviara-a para o Canadá, para mudar de ambiente. Em fins de 1833, enquanto estava hospedada com a família Nickerson, ela ouviu Joseph Smith pregar e viu seu rosto "tornar-se branco e um brilho intenso iluminar todas as suas feições".[3] Este testemunho do Espírito a converteu e ela mudou-se, então, para Kirtland. Em 24 de novembro de 1835, Joseph Smith realizou o casamento de Newel e Lydia, na casa de Hyrum Smith. A cerimônia foi o primeiro casamento realizado pelo Profeta.[4]

A FAMÍLIA KNIGHT

Joseph Knight Jr. contou que mulheres e crianças caminhavam descalças pelo solo congelado para fugir de turbas anti-mórmons.

Newel levou Lydia para Missouri—bem em tempo de unir-se ao êxodo Mórmon do Condado de Clay para Far West. Quando Joseph Smith também mudou para Far West, em 1838, Newel rejubilou-se por poder novamente ouvir as pregações do Profeta: "Suas palavras eram como alimento para nós."

Infelizmente, a luta que envolvera a Igreja não se enfraqueceu. Os membros da família Knight, em Far West, assistiram, contristados, ao afastamento de vários líderes da Igreja. O sumo conselho no qual Newel Knight servia precisou cortar toda a presidência da estaca de Missouri, incluindo David e John Whitmer, duas testemunhas do Livro de Mórmon. Oliver Cowdery também se desviou.[5] O povo de Missouri também estava entrando em conflito com os santos e, mais uma vez, no inverno de 1838–1839, os membros da Igreja abandonaram casas e terras e se tornaram refugiados. A família Knight enfrentou a dura jornada para Illinois.

Em poucos meses as famílias Knight e Peck haviam mudado para onde nasceria Nauvoo. Agora contavam com pelo menos onze unidades familiares—quatro encabeçadas por membros da geração do Pai Knight, sete pela geração de Newel. Haviam passado nos testes de lealdade que os problemas de Kirtland e Missouri os fizeram enfrentar. Desde a conversão, nove anos antes, haviam se mudado para cinco colônias diferentes, incluindo a atual. (É um fato notável que os Knight, entre 1831 e 1846, tenham ajudado a estabelecer dez colônias SUD em Ohio, Missouri, Illinois, Iowa e Nebraska.[6])

Ao contrário das Três Testemunhas e de outros líderes eminentes da Igreja, sua fé continuava inabalável. Apesar de terem sofrido grandes perdas materiais, não se voltaram contra sua religião. O montante dos prejuízos por perdas, somente em Missouri, chegou a US$16.000 ou mais de US$500.000 hoje.[7]

Em Illinois, Newel Knight saudou com alegria o Profeta, logo após sua chegada dos longos períodos de encarceramento nas prisões de Missouri. Newel assim descreveu esse encontro: "Logo que me foi possível, fui vê-lo, mas jamais poderei descrever o que senti ao encontrá-lo, ao apertar a mão daquele que tinha amado tanto, por tanto tempo, e seu valor e seus sofrimentos encheram-me o coração de emoções diversas. Enquanto eu o olhava e refletia sobre os acontecimentos do passado, tendo-o ali à minha frente, na dignidade plena de seu santo chamado, tudo o que pude fazer foi elevar meu coração em silenciosa mas ardente oração, para que ele, sua família e seus pais idosos nunca mais voltassem a ser separados daquela maneira."

Mais uma vez, a família Knight começou a trabalhar na construção da Igreja e de uma nova cidade—Nauvoo, a "Cidade de Joseph". Newel serviu no sumo conselho. Ele e Joseph Knight Jr. construíram vários moinhos de cereais. Mais ou menos na época em que o Profeta deu uma bengala ao Pai Knight, o conselho municipal decidiu conceder-lhe um terreno e construir-lhe uma casa. Ainda em existência hoje, a Rua Knight, em Nauvoo, mantém acesa a lembrança da estima de Joseph Smith pela família Knight.

Um dia, em janeiro de 1842, o Profeta escreveu no Livro da Lei do Senhor os nomes dos "poucos fiéis" que permaneceram ao seu lado, desde o início de seu ministério—"amigos puros e santos, que são fiéis, justos e verdadeiros, e cujo coração não esmorece". Ele incluiu o Pai Knight: "Meu idoso e amado irmão, Joseph Knight Sr., que esteve entre os primeiros a atender as minhas necessidades, enquanto eu trabalhava para iniciar a restauração da obra do Senhor . . . Durante quinze anos ele foi fiel e verdadeiro, justo e exemplar, virtuoso e bom, nunca se desviando para a direita ou para a esquerda. Eis que ele é um homem justo, e possa Deus Todo-Poderoso prolongar seus dias de vida. . . . E sobre ele será dito, pelos filhos de Sião, enquanto restar um deles, que este homem foi fiel em Israel; seu nome não será, portanto, esquecido."

O Profeta também se lembrou dos filhos de Joseph Knight: "Newel Knight e Joseph Knight Jr., cujos nomes registro . . . com indescritível alegria, pois eles são meus amigos."[8]

Em Nauvoo, o grupo Knight enfrentou e venceu um outro grande teste de fé. O Profeta apresentou várias doutrinas relativas ao templo, incluindo as cerimônias do templo e casamento plural, que algumas pessoas não aceitaram.[9] Mas a família Knight recebeu os ensinamentos. Ajudaram a terminar o templo e depois realizaram batismos pelos mortos. No início de 1846, mais de vinte adultos da família Knight haviam recebido as investiduras e selamentos do templo. Quatro dos filhos de Pai e Polly Knight praticaram o casamento plural.

Quando Joseph e Hyrum Smith morreram, poucos choraram tanto seu passamento quanto os Knight. Newel ficou desolado, e exprimiu sua dor em seu diário: "Oh, como amei aqueles homens, e como

A

FAMÍLIA KNIGHT

Sempre fiéis, os Knight ajudaram a estabelecer uma nova cidade para os santos, e a construir o templo em Nauvoo, Illinois.

me regozijei com seus ensinamentos! Sinto como se *tudo* tivesse terminado, como se meu próprio coração estivesse dilacerado, e se não fosse por minha amada esposa e por meus queridos filhos, sentiria que não tenho mais por que viver . . . Oro a Deus, meu Pai, que possa cumprir minha missão, e viver e morrer como fiel seguidor dos ensinamentos de nosso *Profeta Assassinado e nosso Patriarca.*"

Após o martírio, a família Knight passou por mais um teste de lealdade. Ao contrário de muitos outros, eles não abandonaram a fé nem seguiram falsos sucessores. Decidiram seguir o Quorum dos Doze. Todos os parentes de Nauvoo (exceto talvez Nahum, de quem não temos registros) deixaram a cidade e partiram rumo ao oeste. Quando estava pronto para partir, Newel Knight "mais uma vez teve a satisfação de caminhar pelas ruas da Cidade de Joseph, e de contemplar as grandes obras que ele havia tão nobremente erguido, antes de seu martírio". Após cruzar o Rio Mississippi, Newel olhou pela última vez para a cidade: "Meu coração se encheu de alegria, pois contemplei de uma só vez, da elevação em que me encontrava, as nobres obras de Joseph, o Profeta e Vidente, e de Hyrum, seu patriarca, com os quais eu havia convivido desde sua juventude. Eu conhecia seu valor, e chorei sua perda."

Enquanto a caminho do oeste

com os santos exilados, Newel faleceu devido às condições precárias, no norte de Nebrasca, em janeiro de 1847. Pai Knight morreu em Monte Pisgah, em Iowa, um mês depois. A família, do segundo ao décimo quarto ano da Igreja, sacrificara alguns de seus melhores membros pela causa do evangelho. Dos treze filhos do Pai Knight e suas esposas, seis morreram, um casal foi perdido de vista, e os outros dezessete chegaram a Utah.

Os Knight não são testemunhas silenciosas de Joseph Smith e do evangelho restaurado. Lydia escreveu a história de sua vida, e Newel, um valioso diário. O Pai Knight e Joseph Knight Jr., escreveram suas memórias. Os quatro autores reverenciaram Joseph Smith.

As famílias Knight conheceram Joseph Smith desde o início, quando ele foi acusado de tentar escavar ouro e de usar "pedras videntes". Se Joseph Smith fosse um charlatão ou um desacreditado cavador de ouro como diziam seus inimigos, o grande clã dos Knight não teria tido tanta confiança nele. Sua lealdade a Joseph era baseada em conhecimento pessoal, íntimo, que permanece hoje como sólida testemunha de que o caráter do Profeta, desde os seus vinte anos até sua morte aos trinta e oito, era justo e bom.

Os críticos de Joseph Smith têm questionado seus motivos, honestidade e alegações divinas. Os defensores têm afirmado que Deus o chamou para restaurar a verdadeira Igreja na terra. O debate não deveria ignorar a fiel e sólida família Knight, que permaneceu leal ao Profeta mais tempo do que qualquer outra família. Os Knight prestaram um poderoso e persistente testemunho de que Joseph Smith era o que afirmava ser.

A bengala que Joseph Smith deu ao Pai Knight em Nauvoo continua a passar, de geração em geração da família, de um Joseph para outro. É apenas uma lembrança da amizade e fé mútua que Joseph Smith e a família de Joseph Knight compartilharam. □

William G. Hartley é professor-assistente de História, na Universidade Brigham Young, e pesquisador de história do Instituto Joseph Fielding Smith de História da Igreja. Serve como bispo da Ala Sandy 37, Estaca Utah Sandy Leste.

1. *Veja Clare B. Christensen, Before and after Mt. Pisgah (Salt Lake City: publicação particular, 1979), p. 79.*
2. *Emily M. Austin, Mormonism; or, Life among the Mormons (Madison, Wisconsin: M. J. Cantwell, 1882), p. 72.*
3. *"Homespun" (pseudônimo de Lydia Knight e Susan Young Gates), Lydia Knight's History (Salt Lake City: Juvenile Instructor Office, 1883), p. 18.*
4. *Veja Lydia Knight's History, pp. 29–31; History of the Church, 2:320.*
5. *Para procedimentos do sumo conselho, veja atas de 1837 e 1838 em Donald Q. Cannon e Lyndon W. Cook, editores, Far West Record: Minutes of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1830–1844, (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1983).*
6. *As colônias são aquelas próximas a Painsville, Ohio; Kaw Township, Clay County e Far West, Missouri; Nauvoo, Illinois; Mt. Pisgah, Garden Grove e Council Bluffs, Iowa; e Winter Quarters e Ponca, Território de Nebraska.*
7. *"Missouri Petitions for Redress", Arquivos da Igreja.*
8. *History of the Church, 5:107, 124–125.*
9. *Para doutrinas apresentadas em Nauvoo, ver T. Edgar Lyon, "Historical Highlights of the Saints in Illinois", The First Annual Church Educational System Religious Educators Symposium, 19–20 de agosto de 1977, transcrito de discursos e extratos de apresentações, pp. 69–71.*

GRÁFICO FAMILIAR:

Filhos de Joseph Knight Sr., e primeira esposa, Polly Peck:
Nahum Knight (casado com Thankfull)
Esther Knight (casada com William Stringham)
Newel Knight (casado com Sally Colburn e Lydia Goldthwaite)
Anna Knight (casada com Freeborn DeMille)
Joseph Knight Jr. (casado com Betsey Covert, Adeline Johnson, Abba Welden, e Mary Woolerton)
Polly Knight (casada com William Stringham)
Elizabeth Knight (casada com Joseph W. Johnson)
Filhos de Joseph Knight Sr., e segunda esposa, Phoebe Crosby Peck:
Hezekiah Peck (casado com Jemima Smoot)
Samantha Peck (casada com Hosea Stout)
Henrietta Peck (casada com Thomas R. Rich)
Sarah Jane Peck (casada com Charles C. Rich)
Ether Knight (casada com Jane Terry)
Charles C. Knight (morreu na infância)

PREPARADOS PARA RECEBER O EVANGELHO

Joseph Smith não foi a única pessoa a testificar da restauração do evangelho e do aparecimento do Livro de Mórmon.

Susan Easton Black

Eduard G. Grigsure

O Profeta Joseph Smith sabia da realidade da existência de Deus desde o início de sua juventude. Mas não havia outras testemunhas da Primeira Visão ou das visitas de Morôni. Quando Joseph Smith falou sobre suas experiências, muitas pessoas não acreditaram nele. Um ministro "não só tratou (sua) comunicação friamente, mas com grande desprezo, dizendo que tudo aquilo era obra do diabo" (Joseph Smith 2:21).

Outros foram mais receptivos. A própria família de Joseph aceitou a realidade das "instruções do Senhor", e acreditou que Deus lhes daria "inteiro conhecimento do plano de salvação e redenção de toda a família humana".[1] Embora os Smith acreditassem que Joseph tivera visões, eles não possuiam o mesmo entendimento da verdade. "Ocasionalmente Joseph nos contava as coisas mais impressionantes que se poderia imaginar", escreveu sua mãe, Lucy Mack Smith.[2] Mas, basicamente, ele continuava sozinho como testemunha pessoal das divinas manifestações que havia recebido.

Foi só quando as placas e outros objetos sagrados foram mostrados a David Whitmer, Oliver Cowdery e Martin Harris por manifestação divina, em junho de 1829, que outras testemunhas se fizeram necessárias para testificar do Livro de Mórmon "pelo poder de Deus" (D&C 17:3).

Lucy Mack Smith registrou que, após esse testemunho divino, Joseph disse a ela e ao pai: "Vocês não imaginam como estou feliz! O Senhor fez com que as placas fossem mostradas a mais três, além de mim. Eles viram um anjo, que lhes testificou, e terão de prestar testemunho da verdade do que eu disse, pois agora eles sabem, por si mesmos, que não estou tentando enganar as pessoas; sinto-me como se tivesse sido alividado de uma carga que era quase que pesada demais para mim, e minha alma se alegra por não ter de estar completamente sozinho no mundo."[3]

De junho de 1829 até sua morte, em junho de 1844, Joseph Smith conheceu e associou-se a muitas pessoas que partilharam seu testemunho da verdade, mas que também foram perseguidas por causa desse testemunho. Alguns participaram diretamente das manifestações divinas que ele teve. Sidney Rigdon, por exemplo, partilhou a visão de Joseph dos três

graus de glória. (Vide D&C 76:22–23.)

Sidney também estava em Hiram, Ohio, em 24 de março de 1832, quando uma multidão arrancou Joseph da casa dos Johnson. Sidney já fora atacado, coberto com alcatrão e penas, e depois cruelmente arrastado pelos calcanhares. A cabeça fora profundamente lacerada e ele estava inconsciente por causa da perda de sangue, quando Joseph o viu deitado no chão gelado. No dia seguinte, Sidney delirava. Apesar dessa perseguição, seu testemunho permaneceu intacto durante doze anos depois disso.[4]

Outras pessoas participaram do ministério de Joseph e de sua dor na perseguição. "Eu poderia orar em meu coração para que todos os meus irmãos fossem como meu amado irmão Hyrum, que tem a mansidão de um cordeiro, a integridade de um Jó e, em poucas palavras, a docilidade e a humildade de Cristo",[5] escreveu Joseph a respeito de seu fiel irmão.

Como Sidney e Hyrum, muitos outros homens e mulheres partilharam com o Profeta das alegrias e manifestações pessoais da verdade, assim como a carga "quase que pesada demais para (ele)".[6] Infelizmente, muitas vezes apenas os nomes dos mais eminentes são lembrados. No entanto, o testemunho de muitos outros santos que conheceram e amaram Joseph, demonstra que eles são testemunhas poderosas de seu chamado divino.

Testemunhas em Palmyra

Daniel Wells estava entre os primeiros santos que sentiram a agitação religiosa na parte oeste de Nova York, na década de 1820. Ele escreveu: "Os dias de minha juventude foram cheios de agitações religiosas—de reuniões visando o despertar religioso, os 'reavivamentos', que aconteciam naquela parte do país na época—e eu posso muito bem entender o efeito que essas coisas devem ter tido na mente de Joseph . . . Sei como esse fervor religioso afetou a mente dos jovens no lugar em que eu morava."[7]

Quando Joseph traduziu o Livro de Mórmon, aprendeu a respeito da necessidade de "três testemunhas . . . além do que receber o livro; e eles darão testemunho do livro e das coisas que contém" (2 Néfi 27:12). Outros, além das Três Testemunhas, testificaram da origem divina do Livro de Mórmon. Mary Musselman Whitmer contou a seu filho David uma experiência que teve num dia em que ia ordenhar as vacas. Ela encontrou um mensageiro que, como lembra David, disse: "Você tem sido muito fiel e diligente em seu trabalho, mas está cansada devido ao aumento de sua labuta; é certo, portanto, que você receba um testemunho para que a sua fé possa ser fortalecida."[8] O mensageiro mostrou-lhe então as placas.

Outros contemporâneos do Profeta Joseph Smith foram preparados para o surgimento do Livro de Mórmon. Em 1816, em resposta a uma oração muito semelhante à de Joseph, um visitante angélico informou a Solomon Chamberlain que "a fé desapareceu da terra, com exceção de algumas pessoas, e todas as igrejas estão corrompidas". O anjo disse a Solomon que o Senhor "logo ergueria uma Igreja, segundo a Ordem Apostólica; que nela haveria os mesmos poderes e dons existentes nos dias de Cristo; que (ele) viveria para ver esse dia; que surgiria um livro, semelhante à Bíblia, e as pessoas seriam guiadas por ele, assim como pela Bíblia". Em 1829, enquanto viajava pelo Canal Erie, ele foi inspirado pelo Espírito a parar em Palmyra. Andou três milhas ao sul da comunidade, e hospedou-se em uma casa de fazenda para passar a noite. De manhã, os ocupantes da casa perguntaram-lhe se ele já ouvira falar da "Bíblia de Ouro". Solomon depois recordava-se que, à simples menção disso, "algo semelhante à eletricidade percorreu-me o corpo da cabeça aos pés".[9]

Ele foi à casa dos Smith, onde contou sua visão à família. Eles por sua vez, falaram-lhe do Livro de Mórmon. Passaram dois dias ensinando-lhe as doutrinas do livro, e depois ele levou algumas das páginas recém-impressas para o Canadá, onde, contou depois, "ensinei tudo o que sabia a respeito do mormonismo".[10]

Testemunhas em Ohio

Como Solomon, muitos outros se reuniram ao redor de Joseph e alegremente aceitaram a verdade.

Bill Maughan

Mary Elizabeth Rollins recebeu um testemunho da verdade do Livro de Mórmon após haver ficado acordada, tarde da noite, lendo um exemplar emprestado a ela por Isaac Morley.

Eles se juntaram à Igreja em Nova York, mas deixaram suas casas para segui-lo quando o Senhor lhe ordenou que fosse para Ohio (vide D&C 37:1). Entre aqueles que estavam preparados para receber o evangelho em Ohio, encontravam-se Newel e Elizabeth Whitney. Certa vez, por volta da meia-noite, os Whitney estavam orando, perguntando a Deus como poderiam obter o dom do Espírito Santo. Elizabeth registrou a experiência que tiveram:

"O espírito repousou sobre nós, e uma *nuvem* cobriu a casa. Era como se nós estivéssemos fora da casa. A casa afastou-se de nossa vista . . . Um espanto solene tomou conta de nós. Vimos a nuvem e sentimos o espírito do Senhor.

Então ouvimos uma voz que vinha da nuvem, dizendo:

'Preparai-vos para receber a palavra do Senhor, pois ela logo virá!'

Maravilhamo-nos muito com isso; e, daquele momento em diante, sabíamos que a palavra do Senhor estava chegando a Kirtland."[11]

Mary Elizabeth Rollins também estava preparada para a verdade que o Profeta Joseph trouxe à luz. Ela contou que, quando viu um exemplar do Livro de Mórmon na casa de Isaac Morley, "senti tal desejo de lê-lo, que não pude deixar de pedir-lhe que me deixasse levá-lo para casa e lê-lo, enquanto ele assistia à reunião". O pedido foi tão veemente que Isaac lhe deu o livro, com a condição de que ela o levasse de volta antes do café da manhã do dia seguinte.

Mary Elizabeth, sua tia e seu tio ficaram acordados até bem tarde, lendo o Livro de Mórmon, e Mary levantou-se ao amanhecer, para que pudesse continuar a ler. Fiel à sua promessa, ela devolveu o livro a Isaac Morley antes da hora do café. Quando ele lhe disse: "Acho que você não deve ter lido muito", ela mostrou-lhe o quanto havia lido, repetiu o primeiro versículo de cor e resumiu a história de Néfi. Surpreso, ele disse: "Menina, leve este livro para casa e acabe de lê-lo. Posso esperar."[12] Mary foi uma das primeiras a receber o testemunho do Espírito prometido em Morôni 10:4. Joseph tinha mais uma "co-testemunha"!

As manifestações divinas continuaram. Quarenta e seis seções de Doutrina e Convênios foram recebidas durante os anos em que Joseph esteve em Kirtland. E foi lá que Joseph foi visitado por Moisés, Elias, e Elaías, e por Jesus Cristo. (Vide D&C 110.)

Testemunhas em Missouri e Illinois

Enquanto Joseph e os santos estavam sendo visitados por mensageiros celestiais, eles também sofreram perseguição. Em Missouri, Joseph foi condenado por um tribunal militar. A perseguição tornou-se tão intensa que, enquanto estava na Prisão de Liberty, ele exclamou em agonia: "Ó Deus, onde estás?" (D&C 121:1.) Parte da resposta confortadora do Senhor foi: "Teu povo nunca se voltará contra ti." (D&C 122:3.)

Na verdade, Joseph não sofreu sozinho. Muitos santos sofreram grande perseguição com ele. E o Senhor respondeu às orações em que pedia ajuda. Ele lhes disse: "Não temas pelo que os homens possam fazer, pois Deus está contigo para sempre e sempre." (D&C 122:9.)

A perseguição parou por uma temporada, quando os santos se mudaram para um novo local, às margens do Rio Mississipi; lá drenaram os pântanos e fundaram a cidade de Nauvoo, para onde novos conversos de muitas nações se dirigiram para unir-se aos santos. Entre eles estavam nove santos negros, que entraram na cidade no final de 1843, liderados por uma mulher negra livre, Jane Elizabeth Manning. Ela e seus amigos haviam caminhado mais de 1300 quilômetros. Mais tarde, ela lembrava: "Andamos até que nossos sapatos se gastaram; e nossos pés ficaram feridos e sangraram, até que se podia ver toda a marca dos pés feita com sangue no chão. Paramos e nos unimos em oração ao Senhor, pedindo a Deus que curasse nossos pés; nossas orações foram respondidas e nossos pés foram curados."[13]

Embora Illinois fosse, durante um tempo, refúgio de paz e segurança para os santos, esse refúgio não durou muito. A morte do Profeta Joseph, em 27 de junho de 1844, em Carthage, trouxe mais perseguições e sofrimentos para seus seguidores. Mas, apesar das dificuldades, muitos santos—como Sidney Tanner—perseveraram fielmente. Sidney perdeu a esposa e três filhos em um período de dois anos. Apesar disso, em 13 de abril de 1845, quando escreveu de Winter Quarters para os parentes de sua mulher, James e Elsie Conlee (que eram contrários aos santos), para contar-lhes sobre a morte de sua esposa, disse:

"(Minha esposa, Louisa) pediu-me que escrevesse a vocês, para dizer-lhes que ela morreu no total triunfo da fé em Jesus Cristo e que seu maior desejo de viver era em benefício de sua família e amigos. Ela quis fazer o que temia que eles nunca fizessem por si mesmos, para que pudessem chegar a uma gloriosa salvação no reino de Deus, onde ela espera encontrá-los e desfrutar de sua companhia."[14]

Assim como Joseph Smith estava preparado para receber a verdade, também o estavam milhares de santos que se uniram a ele, aceitando a verdade. Eles sabiam que Joseph era um Profeta, e testificavam das verdades que ele havia restaurado. O testemunho de todos eles juntos é uma outra prova de que Joseph foi realmente escolhido pelo Senhor, para restaurar o evangelho nos últimos dias. Como Joseph, eles também podiam exclamar: "Eu sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus, e estaria sujeito à condenação." (Joseph Smith 1:25.) O testemunho que eles compartilhavam com o Profeta cumpriu sua afirmação profética: "Não estou mais completamente sozinho no mundo."[15] Na verdade, não estava. □

Susan Easton Black é professora no Departamento de História e Doutrina da Igreja, na Universidade Brigham Young, Provo, Utah.

NOTAS

1. Lucy Mack Smith, *The History of Joseph Smith by His Mother* (Salt Lake City: Bookcraft, 1956), pp. 82–83.
2. Ibid., p. 83.
3. Ibid., p. 152.

Nove membros negros da Igreja gastaram os sapatos caminhando 1300 quilômetros até Nauvoo. Uma oração especial ajudou-os durante o caminho.

4. *History of the Church,* 1:262–265. Após a morte do Profeta, em 1844, Sidney (Rigdon) discordou de Brigham Young sobre quem deveria suceder a Joseph como Presidente da Igreja. Depois da reunião de 8 de agosto, na qual Brigham Young falou e sua voz e seu semblante se tornaram semelhantes aos do Profeta Joseph, não havia dúvida na mente da maioria dos membros da Igreja a respeito de quem deveria ser o sucessor de Joseph. Sidney recusou-se a seguir o (Quorum dos) Doze e foi excomungado em setembro de 1844. Ele reuniu um pequeno grupo de seguidores, e eles organizaram uma igreja, chamando-a de Igreja de Cristo. Na primavera de 1845, os seus membros o haviam eleito presidente; em 1847, ela se havia virtualmente desintegrado, embora Sidney continuasse tentando obter apoio. Vide Leonard J. Arrington e Davis Bitton, *The Mormon Experience* (New York: Vintage Books, 1979), pp. 81–90.

5. *History of the Church*, 2:338.

6. Smith, *The History of Joseph Smith by His Mother*, p. 152.

7. *Journal of Discourses*, 12:71–72.

8. Carta de Orson Pratt e Joseph F. Smith para John Taylor, datada de 17 de setembro de 1878, publicada no *Deseret News*, 27 de novembro de 1878, p. 674.

9. Solomon Chamberlain, *A Short Sketch of the Life of Solomon Chamberlain*, 11 de julho de 1858, pp. 2–4, arquivos da Igreja SUD.

10. Ibid.

11. Edward Wheelock Tullige, *The Women of Mormondom* (New York, Tullige and Crandall, 1877), pp. 41–43; grifo no original.

12. Lavina Fielding Anderson, *Ensign*, janeiro de 1979, p. 49.

13. Linda King Newell e Valeen Tippets Avery, *Ensign*, agosto de 1979, p. 26. (As citações neste artigo são tiradas de um manuscrito não publicado, "Biography of Jane Elizabeth Manning James".)

14. George S. Tanner, *John Tanner and His Family* (Salt Lake City: John Tanner Family Association, 1974), p. 234.

15. Smith, *The History of Joseph Smith by His Mother*, pp. 150–153.

MINERVA TEIC

O amor desta pintora SUD pelo belo e pelo heróico é refletido nos quadros em que ela retrata a vida no oeste dos Estados Unidos, na história da Igreja e em cenas das escrituras.

Jan Underwood Pinborough

Minerva Teichert em 1947.

HERT : ARTISTA

Quando o sol começou a brilhar sobre o rio Bear e aquecer o gado no rancho do Wyoming, Minerva Teichert já havia levantado há algum tempo. Era preciso preparar o desjejum para seu marido, Herman, para os cinco filhos e para alguns empregados do rancho. Todas as manhãs havia garrafas de leite para a leiteria, que levava várias horas para serem lavadas e esterilizadas. Além disso, era preciso alimentar as galinhas, lavar e consertar as roupas, limpar o jardim. Quando a casa começava a se aquietar para a noite, ela já havia preparado mais duas refeições e terminado uma variedade de outras tarefas que a vida em um rancho, na década de 1930, exigia.

Mas o dia de Minerva ainda não estava terminado. Nunca estava, até que ela tivesse apanhado o pincel e a palheta—um longo pedaço de madeira manchado de tintas a óleo—e passado alguns preciosos momentos com suas telas.

Minerva "sentia e se entusiasmava", dizia ela, com o heroísmo dos pioneiros, encantava-se com a forte beleza do índio americano, via-se cativada pela glória dos animais em livre movimento, de tal forma que lhe era impossível considerar esses temas de forma casual. Desde a infância, a fé dos profetas havia fluído em suas veias. E, durante toda a vida, o amor pelo belo e pelo heróico levou-a a pintar e expressar esses aspectos da vida na tela. E fez isto com pinceladas fortes, num estilo único.

No ano passado, comemorando o centésimo aniversário de seu nascimento, o Museu de História e Arte da Igreja apresentou uma coleção da obra de Minerva Kohlhepp Teichert. Nos últimos anos, seus quadros têm aparecido em revistas e manuais da Igreja, mas o reconhecimento da importância de irmã Teichert como artista tem sido lento em âmbito mais geral. A exposição incluiu uma seleção da série de murais sobre o Livro de Mórmon, que conta com mais de quarenta obras, mostrando a jornada dos pioneiros SUD e a colonização do oeste americano, retratos, pinturas florais de natureza morta e obras de seu tempo de estudante.

Os Primeiros Passos de uma Artista

Minerva Kohlhepp tinha apenas quatro anos quando sua mãe, uma mulher forte e criativa, lhe deu um conjunto de aquarelas. A partir daquele momento, a criança passou a considerar-se uma artista. Aonde quer que fosse, Minerva carregava um bloco de desenho e carvão ou lápis.

Nascida em 28 de agosto de 1888, em Ogden, Utah, Minerva foi a segunda de dez irmãos. A maior parte de sua infância foi passada na propriedade da família, em Idaho. A família Kohlhepp era pobre e, como não havia escola nas redondezas, Minerva recebeu pouca educação formal quando criança. Mas, todas as noites, o pai reunia os filhos para ler as escrituras ou clássicos da literatura.

Minerva saiu de casa pela primeira vez aos quatorze anos, para trabalhar como babá para uma rica família de Idaho que vivia em São Francisco. Lá ela visitou museus de arte pela primeira vez, e freqüentou a Escola de Arte Mark Hopkins. Mas foi só após formar-se no colegial, já novamente em casa, e dar aulas anos, que ela pôde estudar arte seriamente.

Treinamento Profissional

Aos dezenove anos já economizara dinheiro suficiente para ir a Chicago, Illinois, onde estudou no

Instituto de Arte de Chicago, sob a direção do grande John Vanderpoel. Várias vezes, durante três anos, ela precisou voltar para casa para ganhar mais dinheiro, trabalhando no campo ou em salas de aula. Mas Minerva sempre voltava para os seus estudos. Com uma confiança que lhe era peculiar, Minerva certa vez enfrentou o sr. Vanderpoel, perguntando-lhe por que ele criticava tão duramente o seu trabalho, quando tantos de seus colegas estavam fazendo um trabalho pior que o seu. Mais tarde ela contou: "Jamais esquecerei do desapontamento que vi no rosto do homem, quando ele me respondeu, com voz embargada: 'Será possível que você não entenda? Os outros alunos não valem a pena, eventualmente abandonarão a escola, mas você—ah, para você não há limite.'" ("Miss Kohlhepp's Own Story", Pocatello, Idaho, 1917.)

Em 1912, ela havia terminado o curso no Instituto de Arte e voltado ao oeste para ganhar mais dinheiro. Durante este período foi cortejada por dois rapazes—terminando o noivado com um rico pretendente, quando descobriu que ele não queria casar-se numa Igreja Mórmon. O outro jovem, que também não era membro da Igreja (ela não conhecia nenhum rapaz santo dos últimos dias), era Herman Teichert. Herman era um vaqueiro gentil, cuja atividade favorita era correr atrás de cavalos selvagens no deserto, à luz da lua. Em abril de 1915, contudo, ela deixou Herman para trás, dizendo-lhe que se casasse com outra pessoa, e foi para a Liga de Estudantes de Arte, em Nova York.

Naquela época, a Liga era um dos mais importantes centros de arte do mundo. Minerva pagou pelo privilégio de estudar lá, de várias formas, incluindo o trabalho de fazer esboços de cadáveres para as escolas de medicina, apresentação de danças indígenas e exibições com corda.

Duas Decisões Importantes

Neste ponto importante de sua vida, Minerva teve duas experiências que a tiraram do mundo da arte. A

"Cristo Preparando o Sacramento" é uma das muitas pinturas do Livro de Mórmon de Minerva. (Vide 3 Néfi 18.)

primeira delas cristalizou seu desejo de ter uma família—especificamente, casar-se com Herman. Numa reunião de testemunho ela ouviu uma irmã falar sobre as alegrias do casamento e da maternidade. "Pensei em todos os homens que conhecera, na busca do 'homem certo'" escreveu Minerva mais tarde. Naquele momento, ela sentiu que "lá no deserto de Idaho, conduzindo o gado e marcando os bezerros, estava um homem que era mais certo para mim do que qualquer outra pessoa no mundo". (Esboço biográfico não publicado, 1937, transcrição do manuscrito.) Não sendo pessoa que duvidasse de seu próprio bom senso, Minerva voltou para Idaho e casou-se com Herman.

A outra experiência ajudou-a a fortalecer o sentimento de que tinha uma missão como artista, e de que podia colocar a arte a serviço da fé. Minerva mais tarde registrou como Robert Henri, um de seus renomados mestres, lhe perguntou, logo após ter ela deixado Nova York, se algum artista já havia retratado a "grande história mórmon".

"'Não de forma que me satisfizesse', respondi. 'Ora, veja, minha jovem, que oportunidade! Você deve fazê-lo. Você é a pessoa certa. Você herdou esse direito. Você terá muito sucesso.'

'Senti que havia sido comissionada.'" (Manuscrito não publicado, 1947.)

Minerva Teichert passou o resto da vida e gastou toda sua enorme vitalidade atendendo a estes dois chamados—o de amar e servir sua família, e o de contar a história de seu povo e de sua fé por meio da pintura.

Quando Herman voltou da França, onde serviu durante a Primeira Guerra Mundial, o casal mudou-se para a velha propriedade da família Teichert, em Idaho. Minerva amava o lugar, mas foram obrigados a abandoná-lo, devido à construção de um reservatório. Seu novo lar foi um rancho de gado em Cokeville, Wyoming. Minerva pintou cenas dos arredores de seu antigo lar, nos campos do Wyoming, para a sala de sua nova casa. Esta sala foi, por mais de quarenta anos, o estúdio de Minerva e o centro de reunião da família Teichert. Ela cozinhava num fogão a lenha, retocando ocasionalmente algum quadro enquanto cozinhava. Todas as noites, enquanto as pessoas da família jantavam, ela lia para elas literatura,

Em firmes e seguras pinceladas. Minerva captou a beleza rústica da vida no oeste. As três cenas aqui retratadas são: "Os Pioneiros com Carrinhos-de-Mão", "A Menina da Gaivota", e "Jim Bridger no Lago do Urso". Bridger, um pitoresco explorador e sertanista, foi um dos primeiros a descrever o Grande Vale do Lago Salgado e os territórios vizinhos ao Presidente Brigham Young.

Alma batiza nas "Águas de Mórmon". (Vide Mosiah 18.)

história e as escrituras.

Naquela mesma sala ela desenvolveu um estilo forte e original, pintando centenas de murais, retratos e outros quadros. As condições não eram ideais para pintar. A sala era pequena para os murais maiores e, para vê-los em perspectiva, ela precisava olhá-los com um par de binóculos. As distrações tamb constantes. Mas de alguma forma, Minerva persistiu. "*Preciso* pintar", ela explicou certa vez. (Manuscrito não publicado, 1947.)

Confiança no Senhor

A vida espiritual de Minerva era guiada por sonhos e por uma habilidade cada vez maior de confiar no Senhor. Como mãe, ainda jovem, recusou a oportunidade de estudar em Londres, Inglaterra, com seu grande mestre Robert Henri, quando sonhou que logo teria uma filha. Laurie, a única menina que teve, nasceu aproximadamente dentro de um ano. Da mesma forma, Minerva viu futuras noras em sonhos, antes de conhecê-las. Confiava implicitamente no que sentia que o Senhor lhe dissera, e ensinou os filhos e os netos a confiarem em sua orientação.

Um dos pontos altos de sua vida espiritual foi o batismo de Herman, em 1933. Ele apoiara a participação da esposa na Igreja, e pagara dízimo durante anos. Minerva foi selada a Herman no Templo de Logan.

A missão de Minerva Teichert, na arte, teve dois pontos altos. Um foi o término da série de murais sobre o Livro de Mórmon. Ela havia compreendido que se a Igreja publicasse a série, isto seria o cumprimento máximo de sua missão como artista. Quando não conseguiu que alguém se interessasse por publicar as pinturas, ficou arrasada e, eventualmente, doou-as à Universidade de Brigham Young.

Se, porém, a acolhida aos murais sobre o Livro de Mórmon foi uma de suas grandes decepções na vida, a incumbência que recebeu de pintar os murais da sala terrestrial, no Templo de Manti, foi uma de suas grandes satisfações.

Em 1947, com cinqüenta e nove anos, Minerva Teichert e um assistente terminaram os murais em poucos meses, exemplo notável de uma vitalidade quase inimaginável.

Quando faleceu, em 1976, com oitenta e sete anos, Minerva Kohlhepp Teichert havia criado aproximadamente mil obras de arte. "A eternidade me parece muito real", escreveu ela em 1937. Depois expressando um desejo eterno: "Quero . . . poder pintar depois que partir deste mundo. Mesmo que voltasse à terra nove vezes, ainda não esgotaria todos os temas que desejo pintar. Uma vida apenas é curta demais, mas talvez sirva de aprendizado para a próxima." □

Jan Underwood Pinborough, editora autônoma, mora na Ala Edgehill Second, Estaca Salt Lake Hillside.

Deane E. Haynes Eu não estava realmente interessada na Igreja. Ouvira as palestras missionárias apenas para aprender mais sobre as crenças religiosas de uma amiga. Mas quando os missionários me pediram que orasse para saber se a Igreja é verdadeira, senti que precisava de alguém para conversar.

Pensei em falar com o ministro da igreja cristã que eu freqüentava, pois ele e a esposa haviam sido bons para mim e eu o respeitava como um homem de Deus.

"Certamente ele poderia orientar-me", pensei, ao vestir o casaco.

Quando estava prestes a sair, desejei orar sobre o assunto. O sentimento foi tão forte que agi imediatamente, sem questionar.

Fechei a porta, ajoelhei-me junto à cama e pedi ao Pai Celestial que me orientasse quando eu conversasse com o ministro. Também orei para receber uma resposta a respeito do que os missionários me haviam dito.

Terminada a oração, levantei-me e novamente me preparei para sair. Fui, porém, tomada por um outro sentimento—de que eu não deveria procurar o ministro. Senti que não devia falar a ninguém sobre meu problema, e que receberia uma resposta no devido tempo. Eu necessitava de respostas verdadeiras e, para tanto, precisava voltar-me para o Senhor em oração.

Sem pensar mais, tirei o casaco e prossegui com minhas tarefas matinais.

Minha resposta chegou no tempo certo. Uma sensação de calor, dentro de mim, testificou-me da veracidade do evangelho.

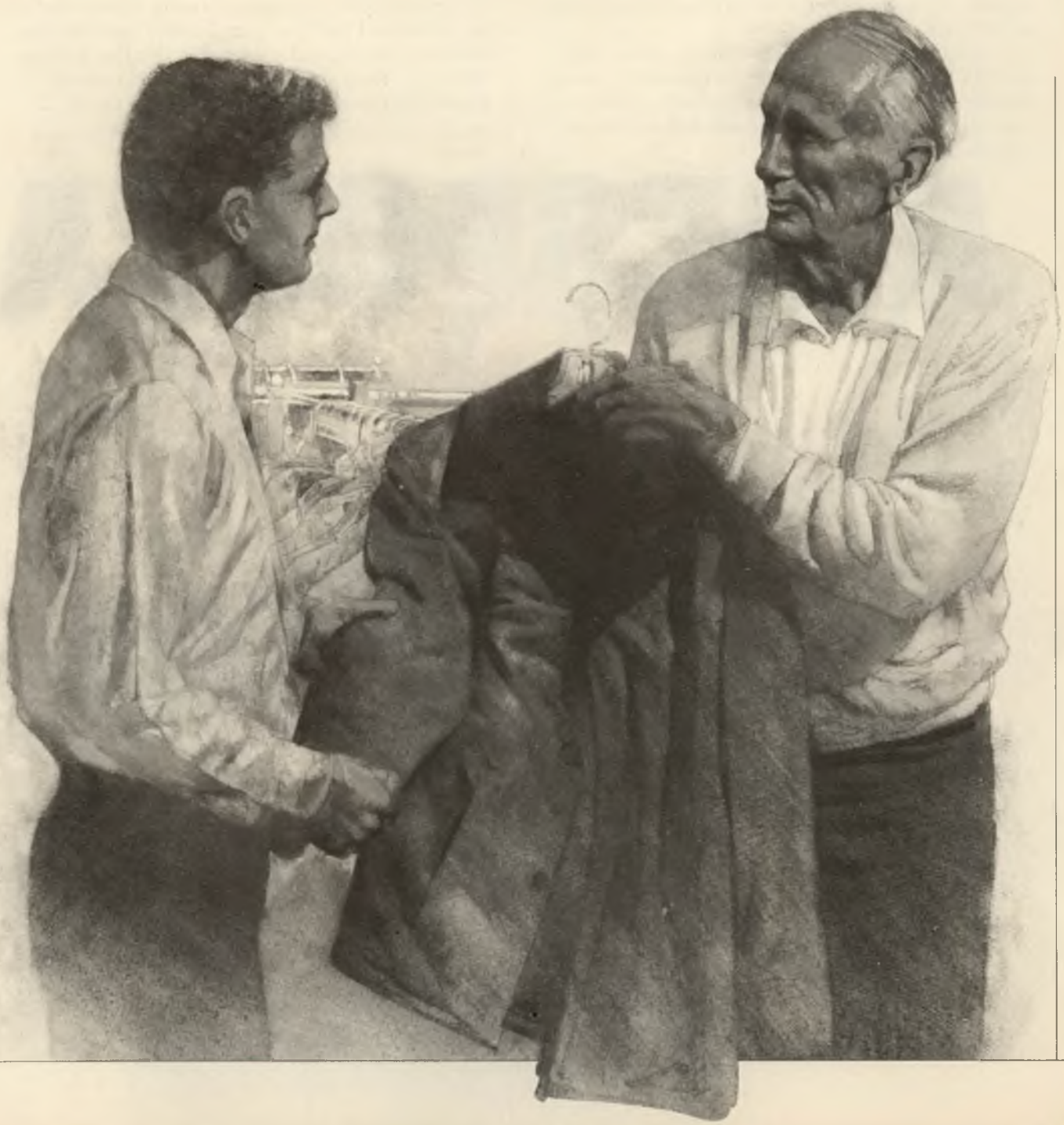
Várias semanas após meu batismo, visitei meu antigo ministro e lhe falei sobre minhas experiências. Enquanto ouvia polidamente suas opiniões preconceituosas, fiquei agradecida por ter dado ouvido àquela voz mansa e delicada, há alguns meses. □

Irmã Haynes pertence à Ala Raymond First, Estaca Alberta Canadá Magrath

A RESPOSTA

Robert T. Barrett

ELE PERDEU AS PERNAS –



Mitchell W. Heinze

MAS NÃO O CORAÇÃO

Birdie Strong

Nós o chamávamos de vovô, mas os demais habitantes da cidade o conheciam por P.A.. Minhas recordações mais antigas de vovô mostram-no com um macacão listrado de azul e branco e uma camisa branca esmeradamente passada, capinando e podando seu jardim.

Vovô fora abençoado com um apreço pelo belo, e era um escultor de talento. Na juventude, Cyrus E. Dallin, escultor famoso, convidara vovô para estudar com ele, em Boston. Vovô planejava aceitar o convite do Sr. Dallin, mas, no meio tempo, trabalhava como bombeiro de um trem, para sustentar a família que estava aumentando.

Num dia de neblina houve uma confusão de horários e dois trens colidiram de frente. Vovô ficou preso sob as locomotivas. O vapor que escapava queimou-lhe o rosto e os braços. Vendo que sua perna esquerda estava presa nos destroços e parcialmente amputada, ele libertou-se, terminando a amputação com um canivete. O sangue jorrou do ferimento e, sendo fiel portador do sacerdócio, ele ordenou, em nome de Jesus Cristo, que a hemorragia parasse. Parou. O toco da perna ficou branco e não sangrou mais.

Mais tarde, no hospital, os médicos amputaram a outra perna, abaixo do joelho. Durante o longo período de recuperação, vovô passou a maior parte do tempo conversando e encorajando os outros pacientes.

Depois do acidente, vovô passou a viajar por vários estados vizinhos, como representante de uma distribuidora de carvão, recebendo encomendas e pagamentos. Vovô deu carona a muita gente, repartindo seu almoço e sua filosofia de vida.

Às vezes a generosidade de vovô lhe trazia problemas. Uma pessoa a quem ele deu carona puxou uma arma para ele e tentou roubá-lo. Vovô disse: "Eu tenho apenas o dinheiro da carteira. Pegue e vá embora."

Aparentemente o homem sabia que vovô recebia o pagamento de fregueses da companhia de carvão, e esperava encontrar alguns milhares de dólares. Mas, após uma busca minuciosa de todos os esconderijos possíveis no carro, tudo que encontrou foi uma nota de cinco dólares na carteira de vovô. Depois de ter deixado o frustrado ladrão na entrada da cidade, vovô continuou sua viagem dando risada — com dez mil dólares totalmente seguros dentro de suas pernas artificiais!

Mais tarde vovô tornou-se proprietário de uma lanchonete à beira da estrada. Na época do Natal ele dava às viúvas da cidade um suprimento de carvão e mercadorias. Vovô levava muito a sério a admoestação de Cristo de visitar as viúvas e os orfãos nas suas tribulações. Na verdade, ninguém que o tenha procurado, pedindo ajuda, saiu de mãos vazias. Num dia frio de inverno, entrou na lanchonete um casal com cinco filhos. Apesar do frio terrível, usavam roupas leves de verão.

A família estava a caminho de um outro estado, onde o pai recebera uma oferta de trabalho. O carro deles havia quebrado e precisaram caminhar muitos quilômetros, na neve, para chegarem à cidade. Vovó lhes preparou uma refeição quente, na lanchonete, enquanto vovô foi com o pai à cidade, comprar roupas quentes para toda a família. Depois pagou um mecânico para guinchar o carro e levá-lo à cidade para consertar. Na manhã seguinte, quando a família se preparava para partir, vovô colocou uma boa quantia de dinheiro na mão do homem. Ele chorou e abraçou vovô, pedindo a Deus que o abençoasse.

O Pai Celestial realmente abençoou vovô. O fato de ter perdido ambas as pernas, quando ainda era jovem, podia tê-lo transformado em um homem cheio de autopiedade e amargura. Mas ele voltou-se para o próximo e esqueceu de si mesmo, servindo a seus semelhantes. □

Birdie Strong, assistente-administrativo de uma companhia de pesquisas, vive na Ala Orem Twelfth, Estaca Orem Utah Sharon South.

A CORAGEM NO DIA-A-DIA

É preciso um compromisso perseverante para demonstrar o tipo de coragem que o Salvador nos pede.

Ron Woods

Com a primavera de 1666 chegou a segunda epidemia da Peste Negra, a peste bubônica, à aldeia inglesa de Eyam, em Derbyshire. Alguns anos antes, a primeira investida violenta da peste espalhara os residentes pelo interior, num esforço desesperado de escapar dela. Desta vez, porém, o ministro da igreja da aldeia, William Mompesson, disse a seu fiel rebanho que não deveriam fugir, para não contaminarem outras pessoas. "Permaneçam em Eyam", suplicou ele, "para salvar o resto de Derbyshire".

O ministro devia ser um homem persuasivo, pois o povo da cidade atendeu ao seu pedido. Um círculo de pedras foi colocado ao redor da aldeia, como aviso, e o alimento para os moradores era deixado na divisa da aldeia por pessoas de fora, desejosas de evitar contato.

Passaram-se meses, e a terrível peste levou muitas vidas. Quando a epidemia passou, 259 dos 350 habitantes da aldeia estavam mortos, incluindo a esposa do ministro. Mas a peste não se espalhara; Derbyshire estava salvo.

• Em fevereiro de 1943, um navio de transporte aliado, o *Dorchester*, foi torpedeado no Atlântico norte. Enquanto o navio afundava, quatro capelães - um católico, um judeu e dois protestantes— permaneceram no convés, distribuindo salva-vidas. Quando os salva-vidas acabaram, eles deram os seus. Os quatro capelães foram vistos pela última vez de braços dados, orando.

• Parece um escritório típico de professor—sem janela, com pilhas de livros e papéis. Mas seu ocupante, John A. Green, um professor de francês da Universidade Brigham Young, nada tem de típico. Em 1981, ainda relativamente jovem, sofreu um derrame que apagou de sua memória tanto o francês como o inglês, e o deixou praticamente paralítico. Impossibilitado de ensinar, presumiu-se que ele jamais voltaria à vida universitária.

Mas John Green é um homem extraordinário. Dolorosamente, iniciou o processo de aprender a ler, a caminhar, e a falar. Em alguns meses estava de volta ao seu escritório, examinando suas anotações, primeiro revisando e depois resumindo suas pesquisas.

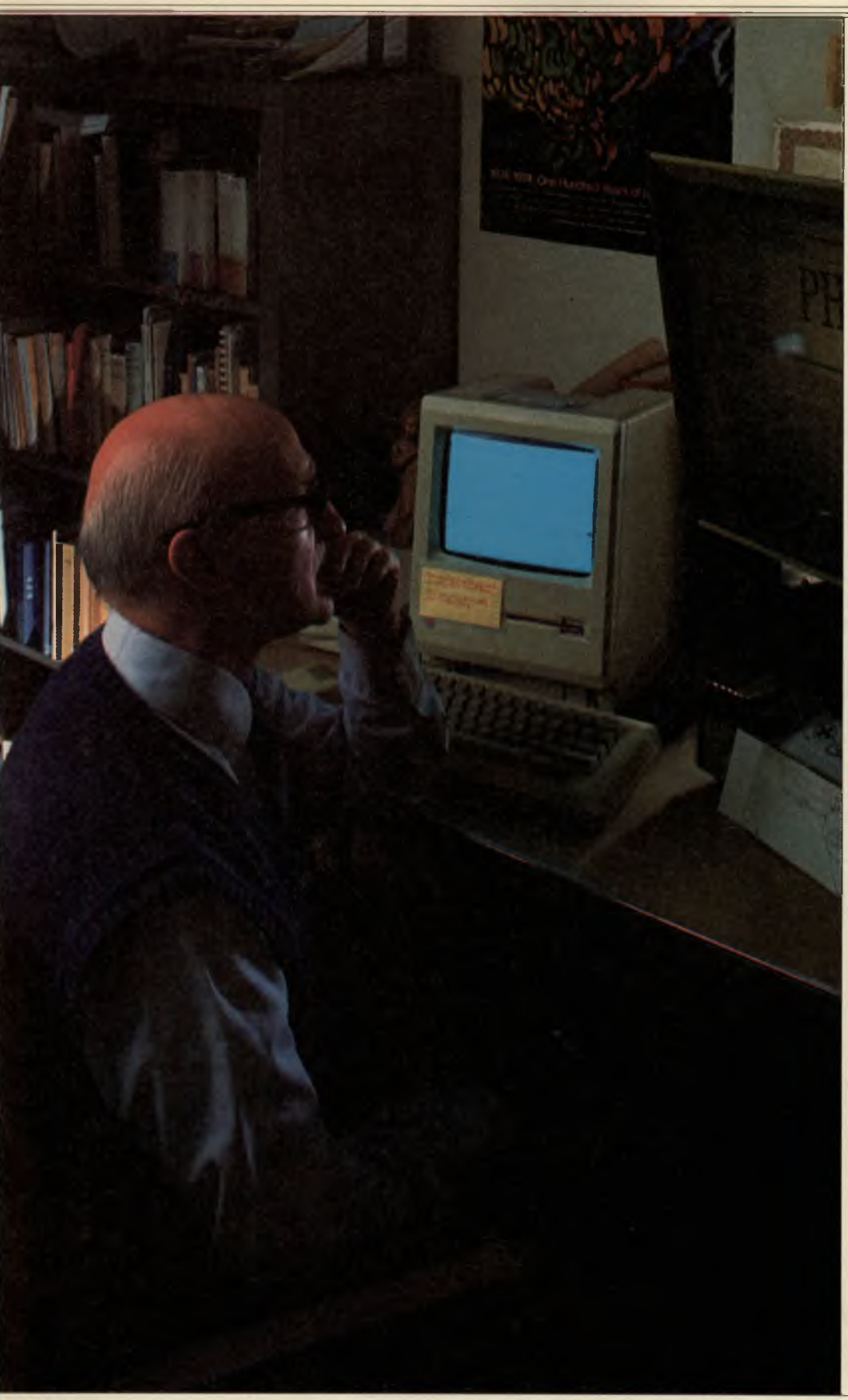
Nos últimos anos, irmão Green terminou vários volumes de pesquisas minuciosas sobre o escritor francês, Marcel Schwob. Dois desses volumes, parte de uma coleção de sete, já estão sendo impressos.

O mais impressionante de tudo é o fato de que o professor Green datilografou cada letra de cada palavra destes livros com um dedo da mão esquerda. Todos os dias da semana, das oito horas da manhã às cinco da tarde, ele trabalha silenciosamente em seu escritório, terminando a tarefa que determinou para si próprio — uma tarefa pela qual não recebe outro pagamento, além do que lhe é pago devido a sua incapacidade física, o qual receberia de qualquer forma, mesmo se decidisse ficar em casa repousando.

A Marca da Coragem

A coragem é o elemento comum nestas três comoventes histórias — coragem de tomar decisões difíceis, e de fazer a coisa certa quando fazer uma outra coisa seria mais seguro, mais cômodo ou, simplesmente, mais fácil.

Todos nós enfrentamos desafios à coragem e aos compromissos, uma vez ou outra. Estes desafios poderão ser testes difíceis. O Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro na Primeira



Coragem real é o tipo que motiva o professor John Green da Universidade Brigham Young. Praticamente paralisado por um derrame que também lhe apagou a memória, ele esmeradamente datilografou dois livros com o único dedo que ainda podia utilizar.

Presidência, disse o seguinte, na conferência geral de outubro de 1986:

"Naturalmente enfrentaremos o medo, passaremos por ridículo, e encontraremos oposição. Tenhamos a coragem de desafiar o consenso, a coragem de defender princípios. Coragem, não a transigência, provoca o sorriso aprovador de Deus. A coragem se torna uma virtude viva e atraente quando é considerada não apenas como a disposição de morrer bravamente, mas como a determinação de viver decentemente. Um covarde moral é aquele que tem medo de fazer o que acha ser correto porque os outros o desaprovarão ou rirão dele. Lembrai-vos de que todos os homens têm temores, mas aqueles que enfrentam tais temores com dignidade, também são corajosos." (A Coragem Conta, *A Liahona*, janeiro de 1987, p. 41.)

A coragem mencionada aqui não é necessariamente a bravura física demonstrada por soldados ou turmas de resgate, que arriscam sua própria segurança para proteger os outros, ou por alpinistas que

John Snyder

escalam paredes de rocha pura, esmagando dedos nas suas fendas, embora ninguém negue que tais atos requerem uma tremenda bravura.

A coragem requerida no envangelho é geralmente menos visível, e raramente se transforma em notícia. É um compromisso inabalável de viver segundo princípios corretos, ao invés de "seguir a onda", de viver a verdade com integridade, rejeitando qualquer outra coisa. Este tipo de compromisso é resoluto, corajoso e confiante, embora ao mesmo tempo, seja silencioso, modesto e humilde.

Errol Bennett, agora bispo em sua terra natal, Taiti, é um santo dos últimos dias cuja coragem e compromisso tiveram um grande impacto. Aos vinte e sete anos, Erroll era o melhor jogador de futebol do Taiti. Nessa época conheceu a Igreja e foi batizado, a despeito de uma considerável oposição por parte da família e dos líderes do esporte.

Futebol é o esporte mais popular do Taiti, e quando Erroll foi batizado, todos os jogos de futebol do país eram disputados no domingo. Devido a esse fato, irmão Bennett sabia que, decidindo ser batizado, estava pondo um fim à sua carreira de jogador de futebol, a qual se encontrava, então, no auge. No dia seguinte ao do batismo, irmão Bennett não jogou, e estava preparado para desistir de sua posição durante a semana seguinte.

Alguns dias depois, quando ficou claro que Erroll Bennett estava firme em sua decisão, a liga se reuniu e concluiu que a velha tradição de jogar futebol no domingo era, afinal, uma má idéia. Os doze maiores clubes do país concordaram em trocar seus jogos para noites da semana. (Vide *A Liahona*, maio de 1983, "Erroll Bennett—Estrela do Futebol Taitiano" por

Em um mundo onde alguns heróis célebres não parecem ter qualquer convicção moral, é bom ouvir a respeito de pessoas como Erroll Bennett, que estava preparado para desistir de sua carreira como jogador de futebol profissional para que não tivesse que jogar aos domingos.

Michael Otterson

Michael Otterson.)

Em um mundo onde alguns heróis célebres não parecem ter qualquer convicção moral, é bom ouvir a respeito de pessoas como Erroll Bennett. Uma vez que uma das maiores obrigações dos pais e professores é instilar nos jovens a coragem de viver a verdade e resistir ao mal, modelos de coragem são necessários. Lembro-me do desapontamento no rosto de meu filho Matthew, quando tinha doze anos, ao ouvir as acusações de porte ilegal de drogas contra alguns de seus heróis esportivos. Como gostaria que ele ouvisse mais coisas sobre pessoas como Erroll Bennett!

No passado nós ensinamos a nossos jovens histórias valiosas de santos dos últimos dias que tiveram a coragem de recusar álcool, cigarros ou drogas, quando pressionados pelos companheiros de turma. Essas lições são importantes, mas devemos também ensinar-lhes—e mostrar-lhes pelo exemplo O defesa do que é certo, em situações menos óbvias.

Tal situação surgiu na vida de Spencer W. Kimball, quando ele deixou Thatcher, Arizona, para atender ao chamado para o Conselho dos Doze. Élder Kimball procurou pessoas com quem tivera negócios, relacionamentos da Igreja ou pessoais e perguntou-lhes se sentiam que ele os prejudicara de alguma forma. Se qualquer deles julgasse que não fora justo, oferecia-se para ressarci-los sem argumentar. (Edward L. Kimball e Andrew E. Kimball Jr., *Spencer W. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1977, pp. 197–198.)

Desafios Diários

O mundo, com freqüência e muita sutileza, nos induz a seguir a maioria. Mas a vida cotidiana também oferece numerosas oportunidades para tomarmos decisões corajosas. Com que exatidão nosso comportamento, público e privado, segue os padrões cristãos ensinados pelo evangelho? Seguimos esses padrões ao tratarmos com nossos familiares? E quando servimos aos semelhantes? E ao observarmos o dia santificado?

As questões diárias requerem nosso melhor raciocínio e um compromisso persistente com os princípios do evangelho. Parece provável que o crescimento como pessoas corajosas não depende tanto de ponderarmos grandes decisões que, com toda a certeza, nunca precisaremos tomar, quanto de nossas reações às questões rotineiras do dia-a-dia. Não é tanto uma questão de "Como me comportaria se . . . " quanto de "Como me comportarei hoje?" O teste não será, provavelmente, "Eu daria meu próprio salva-vidas?" mas, sim, "Tratarei o vizinho que danificou minha propriedade como irmão—e filho de nosso Pai Celestial—que ele realmente é?"

As decisões corajosas nem sempre serão fáceis; não é esse o seu propósito. Como disse o Presidente Thomas S. Monson:

"A jornada da vida não é feita em uma rodovia de alta velocidade sem obstáculos, armadilhas ou ciladas. Pelo contrário, é um caminho marcado por encruzilhadas e curvas. Defrontamo-nos constantemente com decisões. Para tomá-las com prudência, é preciso coragem – a coragem de dizer *não*, a coragem de dizer *sim*. As decisões determinam nosso destino." (A Coragem Conta, *A Liahona*, janeiro de 1987, p. 40.)

Quer sejamos chamados para dar a vida por uma causa, como aconteceu com tantas pessoas em Eyam, ou empregar os melhores esforços diariamente, diante de dificuldades, como faz John Green, nós determinamos nosso destino. Encontrando a força para defender o que é certo, a despeito de "todos os demais", determinamos nosso destino. Quando defendemos um princípio, como o fez Erroll Bennett e o então recém-chamado Élder Spencer W. Kimball, determinamos nosso destino. Viver o evangelho corajosamente, desta e de formas semelhantes, nos transformará em pessoas melhores e servos mais eficientes do Senhor, agora e na vida futura. □

Ron Wood é assistente-administrativo na Faculdade de Humanidades da Universidade Brigham Young.

Mitchell W. Heinz

Élder John K. Carmack
do Primeiro Quorum dos Setenta

AOS MEUS AMIGOS SOLTEIROS

Há muitas coisas grandiosas reservadas para vós, se tiverdes metas dignas e viverdes retamente. Haverá compensações e surpresas maravilhosas e satisfatórias para vós.

Quando eu era presidente de estaca, uma jovem que chamarei de Helen, procurou-me pedindo conselhos. Ela era muito bem sucedida profissionalmente e estava envolvida em muitos projetos excelentes. Não conseguia, porém, encontrar uma amizade especial com quem pudesse casar-se, em nossa estaca e comunidade. Contou-me que muitos amigos bem intencionados a haviam advertido de que muitos homens poderiam ficar intimidados diante de seus dotes intelectuais e da força de sua personalidade. Sugeriram que ela fosse menos agressiva em suas atividades, e que tentasse transmitir uma imagem menos ameaçadora aos homens, de forma a aumentar suas oportunidades de casar-se. Explicou-me que recebera uma oferta de emprego como executiva em uma firma do leste dos Estados Unidos, o que fortaleceria a imagem atual. Ela desejava saber minha opinião a respeito da sugestão de seus amigos.

Disse a Helen que achava que ela deveria continuar a ser a pessoa dinâmica e ativa que era, de forma que se adaptasse bem à pessoa com quem se casasse. Disse-lhe também que deveria tomar suas próprias decisões, mas que meus sentimentos espirituais se inclinavam a favor desta nova oportunidade. Aconselhei-a a usar plenamente seu potencial.

Helen aceitou o novo emprego e mudou-se para o leste. Lá conheceu um homem com quem se casou no templo. Ambos continuam a dar uma extraordinária contribuição à Igreja e à sua comunidade.

Naturalmente, nem todos os solteiros conseguem as mesmas coisas que Helen. É difícil generalizar a respeito de adultos solteiros, que compreendem cerca de um terço dos membros adultos da Igreja. Tentar dar conselhos às pessoas que estão preparadas para o casamento e desejam casar-se—a não ser que seja

numa entrevista pessoal—é uma coisa arriscada. Há, porém, algumas coisas que podem ser ditas de uma forma geral, para que os adultos solteiros as adaptem a seus desafios específicos.

Seguir Seu Próprio Curso

Um grande número de pessoas que se casam para a eternidade encontram seu cônjuge simples e naturalmente no curso de suas atividades sociais, na universidade, participando de chamados da ala ou da estaca, ou no trabalho. Para essas pessoas, talvez o conselho do Presidente Ezra Taft Benson na

Apreciai a vida, envolvei-vos em coisas boas que vos interessem, e encontrai satisfação, alegria e felicidade.

conferência geral de abril de 1988 seja suficiente. Ele aconselhou os adultos solteiros a não adiarem por muito tempo a decisão de casar-se. (*A Liahona*, julho de 1988.)

Mas o que dizer a respeito de encontrar um companheiro eterno, que seja útil para aqueles que já estão perto dos trinta, quarenta, cinqüenta anos, ou mais?

Os desafios da vida nem sempre vêm acompanhados de um conjunto de respostas ordenadas e simples. Programas garantidos, que proporcionem a resposta para cada pergunta, não são possíveis nem desejáveis. Vossa própria inspiração (e intuição), como parte de uma *vida de oração, centralizada no templo, voltada para o servir*, é, provavelmente, mais útil do que conselhos, críticas e soluções bem intencionados, oferecidos por algumas pessoas que tentam ajudar-vos a atingir vossa meta de casamento no templo.

Creio que os programas da Igreja podem ajudar-vos, mas tendes a responsabilidade individual de seguir vosso próprio curso na vida. Não faz parte da missão básica da Igreja ditar decisões individuais ou prover um serviço ou organização que ajude os adultos solteiros a encontrar um companheiro. Não obstante, o maravilhoso ambiente da Igreja pode ser de grande ajuda neste sentido.

Algumas Observações e Experiências

Tenho tido muitos amigos adultos solteiros em minha vida. Minha esposa e eu nos conhecemos numa festinha espontaneamente organizada para adultos solteiros.

Tendo meu próprio casamento resultado de uma atividade não oficial para adultos solteiros, sempre estive sinceramente interessado e muito à vontade entre os adultos solteiros. Nos anos em que servi como líder na Igreja, literalmente milhares de adultos solteiros constituíram uma parte importante e valiosa de meu ministério. Minha esposa e eu temos sido enriquecidos na convivência com estes maravilhosos companheiros. Já servi como consultor regional da estaca para grupos de Interesses Especiais e Interesses Especiais—Jovens, e para outros grupos de adultos solteiros. Devido a estas caras experiências e meu amor aos adultos solteiros da Igreja, ofereço algumas observações que poderão ser de valor para vós, adultos solteiros.

1. *É mais provável que o casamento venha em decorrência da participaçãs em outras atividades e metas úteis.*

O casamento é, mais provavelmente, uma decorrência de se viver plenamente, do que de uma campanha direta e evidente para se atingir essa meta.

Há poucos conselhos diretos sobre o casamento, encontrados nos registros do ministério mortal do Salvador. O Senhor dava ênfase a servir ao próximo e tratar as pessoas com amor e respeito. Seus conselhos levavam principalmente ao crescimento espiritual, mais do que diretamente ao casamento; todos os princípios, porém, se aplicam. A parábola dos talentos foi uma poderosa exortação para que nossa energia se volte para o desenvolvimento dos talentos que

recebemos, e para o emprego desses dons que foram concedidos, a todos nós. Aqueles que temerosamente escondem seus talentos e temem os riscos envolvidos, acautelou ele, teriam uma colheita amarga. A parábola não foi só para as pessoas casadas, mas para todos nós. Para mim, foi uma lição muito forte.

A vida é rica, estimulante, interessante e desafiadora. "Os homens devem se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem;

Pois neles está o poder . . . " (D&C 58:27–28).

Apreciai a vida, envolvei-vos em coisas boas que vos interessem, e encontrai satisfação, alegria e felicidade, independentemente do fato de terdes ou não um companheiro nesta vida. A oportunidade de casamento poderá aparecer indiretamente, ao invés de como resultado de focalizardes diretamente esse objetivo.

O Salvador nos aconselha a "pedir, procurar e bater". (Vide Mateus 7:7.) O resultado, ele nos promete, será recebermos, encontrarmos e termos as portas abertas diante de nós.

2. *Manter uma perspectiva eterna da vida.*

O segundo ponto importante é manter uma perspectiva eterna da vida. Paulo escreveu: "Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face: agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido." (I Coríntios 13:12.) Ele também disse: "Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens." (I Coríntios 15:19.)

Julgando por nosso ponto de vista limitado, poderemos às vezes ver a vida como uma coisa cruel e injusta. Não encontro completa justiça em minha vida ou na vida dos que me cercam. Seria fácil para mim tornar-me zangado e amargo se olhasse a vida apenas do ponto de vista atual ou temporal das coisas. Mas sei, por inspiração e por meio da autoridade das escrituras, que Deus é misericordioso e justo. (Vide por exemplo, Alma 42.) Apenas precisamos ver as coisas sob sua perspectiva.

Somente pela perspectiva eterna encontramos justiça, retidão e eqüidade. De alguma forma, compreender, aceitar e viver a realidade da injustiça como uma coisa apenas transitória, torna tudo mais suportável.

Às vezes encontramos membros da Igreja preocupados com o aparente não cumprimento de sua bênção patriarcal. O Presidente Harold B. Lee explicou, certa vez, que a bênção patriarcal é um documento eterno. (Vide *Ye Are the Light of the World*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1974, pp. 305–307.) Algumas, talvez até muitas promessas contidas nas bênçãos, serão cumpridas em outra esfera da existência. A vida continua, e muitos de seus tesouros e alegrias esperam um mundo melhor.

Envolvei-vos com as boas obras, com a cultura, com o progresso pessoal.

Uma preocupação comum é a de que há mais mulheres solteiras do que homens solteiros. Este fato, em si, parece injusto. Para algumas pessoas, as oportunidades de casamento são limitidas por este fator, mas muitas mulheres ainda terão a oportunidade de desenvolver uma amizade especial que resulte em casamento.

3. *Manter também uma perspectiva mortal amorosa e tolerante.*

Talvez desejeis casar-vos com um homem ou uma mulher exatamente como vosso pai ou vossa mãe, que seja um líder exemplar do sacerdócio ou a mulher extraordinária que idealizais. Lembrai-vos, porém, de que mesmo os gigantes espirituais precisaram começar de algum lugar. Se não tiverdes cuidado, o ideal—o que esperais que seja o vosso cônjuge—vos tornará cegos para as numerosas boas qualidades de companheiros em potencial. Muitos membros da Igreja, solteiros, que não possuem agora todas as qualidades que desejais, poderão um dia ser ótimos pais e mães, e respeitáveis líderes da Igreja e da comunidade. A irmã Camilla

Kimball, esposa do Presidente Spencer W. Kimball, escreveu: "Quando as pessoas me perguntam como é ser casada com um profeta, eu respondo: 'Não me casei com um profeta. Casei-me com um jovem ex-missionário.'" (Edward L. Kimball, editor, *The Writings of Camilla Eyring Kimball*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1988, p. 114.)

Aprendei a ver o potencial das pessoas e a ajudá-las a desenvolvê-lo. Isto é o que desejaríeis que um cônjuge amoroso fizesse por vós. Uma jovem descobriu que sua atitude com relação ao homem que estava namorando mudou quando ela modificou sua própria perspectiva e enxergou o potencial dele. A amizade transformou-se em amor, e eles se casaram.

Também é bom reconhecer que algumas coisas são essenciais ao cônjuge, e que outras poderão simplesmente ser uma questão de preferência. As mulheres, por exemplo, terão firmeza a respeito de se casarem com um portador do sacerdócio ativo e firme. Mas se apreciais a música sinfônica e ele prefere esportes, não faria mal a ele experimentar as obras dos compositores clássicos, como não vos faria mal torcer um pouco pelo time dele.

Muitas vezes as pessoas e os relacionamentos irão desapontar-vos. Quando isto acontecer, sede suficientemente determinados para permanecer livres e confiantes. Poderá ser difícil vencer a dor e, certamente, o risco de sofrer a mesma dor novamente poderá ser amedrontador. Mas fechar-vos a outras pessoas—construir barreiras para evitar que alguém penetre no terno território de vosso coração—significa fechar-vos numa concha. Sede realistas, criteriosos, fervorosos, mas prontos para confiar na pessoa certa. Isto é o que deve acontecer num bom casamento.

Quando uma amizade querida não se transforma em romance e não leva ao casamento, aprendei a viver sem pesar. Não podeis prever exatamente o que poderia ter acontecido, se vós ou outro tivesseis dito algo diferente. Evitai olhar constantemente para trás—isso retarda vosso progresso.

4. *Uma palavra às pessoas que talvez nunca se casem.*

Alguns de meus amigos mais íntimos e mais admiráveis não se casaram nesta vida. Uma das amigas queridas de minha mãe, que serviu como sua conselheira na presidência da Sociedade de Socorro da estaca, era uma tenente-coronel aposentada do Exército dos Estados Unidos. Ela era bela, culta, inteligente, e seu incentivo foi de grande valor para mim e muitas outras pessoas. Morreu com fé e elegância, tendo conquistado uma grande recompensa. Sei que ela ainda terá uma experiência equivalente à de outras mulheres que tiveram belas famílias mortais. Nenhuma alegria, ordenança do sacerdócio ou experiência familiar lhes serão negadas.

Pensai em todos aqueles cuja vida foi ceifada na infância, na guerra, ou por doença. Há uma provisão eterna que lhes garante gozar de todos os frutos do evangelho.

Se começa a parecer que não tereis oportunidade de casamento, continuai a ser ativos em boas causas, a desenvolver vossos talentos, a melhorar vossa mente, a amar e servir vossos amigos, e a permanecer fortes e seguros na fé em Jesus Cristo. Sede ativos na Igreja.

5. *Preocupai-vos com o próximo, e esquecei-vos de vós mesmos.*

Muitos de nós desenvolvemos o hábito de pensar constantemente em nós mesmos, em como nos sentimos, em nossa aparência, e em como somos vistos pelos outros. Pensar e falar constantemente em nós mesmos é tão perigoso quanto tedioso para os que nos rodeiam.

O Espírito lembrou a Joseph Smith, enquanto ele definhava na Cadeia de Liberty: "Ainda não estás como Jó." (D&C 121:10.) Esta foi uma forma de o Espírito manter Joseph pensando em outras pessoas, mesmo enquanto estava na cadeia. Três seções de Doutrina e Convênios foram extraídas de uma das epístolas de Joseph à Igreja, quando estava na cadeia. Claramente, ele mantinha uma boa parte de suas preocupações voltada para os outros, mesmo de sua cela na prisão.

Tentai não vos assoberbar com preocupações excessivas por vossos próprios problemas. Pessoas insensíveis poderão fazer comentários dolorosos sobre vós, externar julgamentos sobre vós pelo fato de serdes solteiros, ou mesmo identificar vossos supostos erros. Se prestardes atenção a todos esses comentários, podereis tornar-vos mental e espiritualmente deprimidos. Sugiro que ignoreis tais comentários e que vivais vossa própria vida.

Afastai os olhos de vossa própria vida, e descobri o que podeis fazer para contribuir. Procurai obter equilíbrio em vossa vida e as bênçãos de que necessitais vos serão acrescentadas. O equilíbrio inclui amizade e amor à família e aos amigos; metas e direção; estabilidade e controle; boas fontes externas de apoio (família, amigos e líderes da Igreja); obediência aos padrões do evangelho; manter um bom ânimo e contribuir substancialmente para o bem do próximo.

Afastai os olhos de vossa própria vida, e descobri o que podeis fazer para contribuir. Procurai obter equilíbrio em vossa vida.

Pensai em vossas bênçãos, talentos, força, e não em vossos problemas. Eu costumava ensinar os missionários que serviam sob minha direção a acordarem um pouco mais cedo que de costume para agradecer ao Senhor suas bênçãos maravilhosas. Era um bom começo para aquilo que freqüentemente se transformava num outro dia de acentuada rejeição. Temos muito pelo que ser gratos. Vamos focalizar nossa vida em direção ao alto, ao próximo, e ao bem que podemos fazer.

6. *Alcançar e manter a auto-estima.*

É comum encontrarmos pouca auto-estima na vida de adultos solteiros—mas isto também acontece com adultos casados. A provável atitude negativa dos pais, a desconsideração de amigos e conhecidos, assim como hábitos que adquirimos, tudo contribui para este problema.

Em alguns casos, pode ser necessária uma orientação profissional para que a pessoa adquira auto-estima, especialmente se o problema se tornou sério.

Todos nós necessitamos reconhecer que temos valor, que nossa pessoa conta nesta vida. Os adultos solteiros precisam ter, especialmente, confiança em si mesmos e uma saudável auto-estima. Nosso Pai Celestial pode dar-nos isso, através de inspiração e revelação, se permanecermos perto dele. Um forte testemunho, nascido por andarmos na luz de Cristo, pode ajudar. O testemunho traz paz de espírito e uma segurança a respeito do propósito da vida. Um dos maiores conceitos que os mortais podem entender é o fato de sermos filhos espirituais de um amoroso Pai Celestial e, portanto, herdeiros de tudo que ele é e tem.

Morôni ensinou o grandioso princípio de que o Senhor permite que todos nós tenhamos fraquezas, mas ele também diz que o Senhor nos mostrará nossas fraquezas se nos humilharmos e nos achegarmos a ele. Depois acrescentou ainda um esclarecimento muito importante, que é que essas fraquezas poderão transformar-se em força se nós as sobrepujarmos. (Vide Éter 12:27.) Isto é verdadeiro em relação à pouca auto-estima. Com o auxílio do Senhor, podemos vencer este sério obstáculo.

Encontrar o curso certo

O número de adultos solteiros na Igreja está crescendo. Talvez encontreis, no que sugeri, algumas idéias úteis ou alguma ajuda para alcançardes maior realização nesta vida.

Muitos de vós encontrareis casamento. É impressionante como, num mundo em que existe um desequilíbrio entre o número de homens e de mulheres, a maioria ainda encontra um companheiro. Alguns, porém, não encontram ninguém. Conservai uma perspectiva espiritual sobre o casamento. Lembrai-vos de que Deus é justo e deseja que passeis por todas as experiências necessárias à exaltação. Surpresas maravilhosas nos esperam. Sei que isto é verdade.

Não vos limiteis a vos concentrardes unicamente na meta do casamento eterno, mas deixai que esta oportunidade chegue naturalmente como produto de uma vida saudável e equilibrada. Envolvei-vos com as boas obras, com a cultura, com vosso progresso pessoal. Edificai uma auto-estima sadia. Contribuí para a vida de outras pessoas.

Desejo que tudo vos saia bem. Que o Senhor vos ajude a encontrar vosso próprio rumo pessoal em direção à alegria e felicidade e, finalmente, a uma sociedade eterna com um companheiro digno. □

A VIDA É ETERNA

Objetivo: Ajudar as irmãs a compreenderem a importância de convênios e ordenanças, tanto para os vivos como para os mortos.

O inverno de 1845–1846 foi muito difícil para os santos de Nauvoo. Muitos deles foram obrigados a abandonar suas casas e seus negócios. A fase final da construção do templo, porém, continuou, assim como as ordenanças do templo, juntamente com a construção de carroções e as providências quanto às provisões que deveriam ser levadas.

Em 3 de fevereiro de 1846, depois de assegurar aos santos que o templo havia cumprido seu propósito, o Presidente Brigham Young sugeriu que carregassem seus carroções e partissem de Nauvoo.

O Presidente Young saiu do templo e, após caminhar um pouco, voltou-se e olhou para trás. Ninguém o havia seguido.

Assim como o Salvador, na época dos nefitas, se compadeceu das multidões que lhe imploravam que ficasse, o Presidente Young voltou. Encontrou o templo completamente "lotado" e, recordou ele: "Nós continuamos trabalhando diligentemente na Casa do Senhor." Naquele dia, 295 santos receberam as ordenanças do templo. (*History of the Church*, 7:579.)

Por meio das ordenanças do evangelho—incluindo as do templo — demonstramos amor ao Senhor, comprometemo-nos solenemente a fazer sua vontade, e recebemos poder do Senhor para ajudar-nos a cumprir esses convênios. Cumprindo fielmente os convênios que fazemos, aumentamos nossa fé e recebemos grandes bênçãos.

As ordenanças do templo não são as únicas ordenanças necessárias à salvação. O batismo é uma ordenança essencial. Quando somos batizados, tomamos sobre nós o nome de Cristo. Outra ordenança essencial é a confirmação, pela qual recebemos o dom do Espírito Santo e seu conforto e inspiração.

Cada uma de nós tem a responsabilidade de receber as ordenanças de salvação do evangelho. Todas as irmãs dignas podem ser batizadas e confirmadas. Da mesma forma, as bênçãos da investidura estão à disposição de todas as irmãs dignas que tenham atingido uma idade de responsabilidade e maturidade.

Por meio da história da família e das ordenanças do templo, podemos também dar àqueles que morreram sem receber as ordenanças e os convênios do evangelho, a oportunidade de recebê-los.

As ordenanças e os convênios do evangelho trazem grandes bênçãos. Por meio deles nós nos tornamos co-herdeiros de Cristo de tudo o que o Pai tem. (Vide Romanos 8:14–17.) □

Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Falar com a irmã que visita sobre seus sentimentos ao participar ou testemunhar uma ordenança como o batismo ou casamento no templo.

2. Desafiar a irmã que visita a receber as bênçãos das ordenanças do evangelho em sua própria vida, ou viver dignamente, para recebê-las no futuro. Se ela já recebeu essas ordenanças, incentivá-la a freqüentar o templo, a fim de proporcionar a outras pessoas a oportunidade de recebê-las.

COMPARTILHAR COM OS JOVENS

MENSAGENS SOBRE SERVIÇO

"Quando temos o Espírito, gostamos de servir, amamos ao Senhor e amamos aqueles com quem servimos e aqueles a quem servimos" Presidente Ezra Taft Benson.

"Mas eis que vos digo estas coisas para que aprendais sabedoria; para que saibais que, quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus." (Mosiah 2:17.)

"O chamado mais digno, na vida, é aquele no qual o homem pode melhor servir seus semelhantes" Presidente David O. McKay.

"Não é o que recebemos que enriquece nossa vida, mas o que damos" Presidente George Albert Smith.

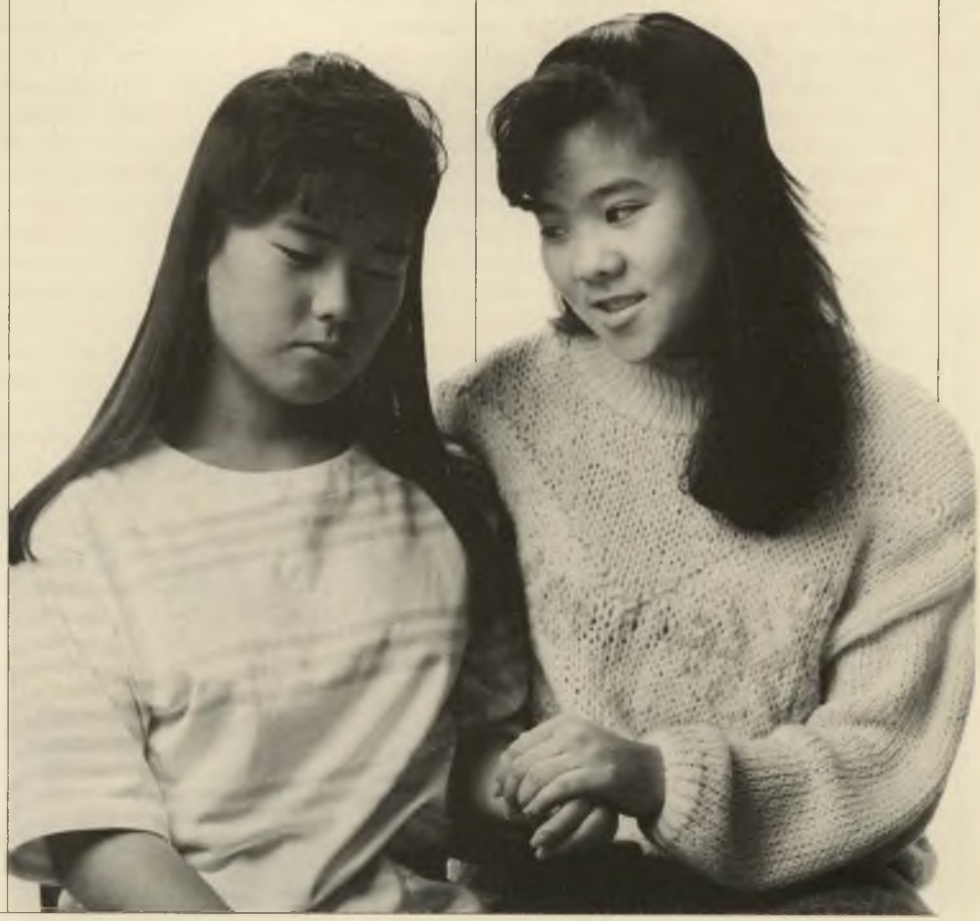
"Mas eis que aquilo que é de Deus convida e incita continuamente ao bem; portanto, tudo o que incita e instiga a fazer o bem, e a amar e servir a Deus, é inspirado por Deus." (Morôni 7:13.)

"Temos que compreender que não podemos adorar realmente a Cristo sem nos entregarmos a ele. Por que os missionários são felizes? Porque se perdem no serviço que prestam" Presidente Gordon B. Hinckley .

"A única maneira de uma pessoa santificar-se debaixo dos céus é prestar serviço abnegado" Élder William R. Bradford.

"Servir de todo o coração e mente é um grande desafio para todos nós. Esse serviço tem de ser . . . motivado unicamente pelo puro amor de Cristo" Élder Dallin H. Oaks.

"Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:40.)



Craig Dimond

ELES TÊM SUA RECOMPENSA

Élder Dean L. Larsen
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Há alguns anos, recebi uma carta referente a uma homenagem especial que seria prestada a um homem de uma comunidade onde eu morava. Este homem e sua esposa estavam mudando da comunidade onde haviam passado a maior parte da vida. Os cidadãos haviam organizado um evento especial para homenageá-lo pelos serviços prestados e pela influência que havia exercido na vida de tantas pessoas. Minha vida era uma das que ele tocara. Ao receber o convite, lembrei-me das muitas formas pelas quais fora beneficiado, incentivado e guiado pelo cuidado e pela bondade deste homem.

A comunidade na qual o homem vivera era pequena. Ele jamais acumulara muitos bens materiais. O pequeno negócio que dirigia poderia ter dado grandes lucros, mas ele estava interessado demais em pessoas para preocupar-se com a elevação de seu padrão de vida. Ele sempre estava à disposição das pessoas, mas nunca exigia nada delas. Muitos de nós não lhe dávamos o devido valor. É provável que nunca tivesse recebido qualquer reconhecimento público até o dia de sua morte, não tivesse ele, inesperadamente, decidido mudar-se. Este fato levou a comunidade a prestar-lhe uma homenagem.

Na noite do evento especial fiquei intrigado com o que fora preparado, pois todos os que entravam deviam assinar o nome num pedaço de papel, dobrá-lo e colocá-lo numa caixa. Quando o numeroso grupo já se encontrava sentado, e o convidado de honra tomara seu lugar, o dirigente do programa anunciou o planejado: nenhum discursante havia sido designado para aquela festa, disse ele, mas os nomes seriam sorteados da caixa. Os escolhidos seriam solicitados a representar os outros expressando sua gratidão e amor ao nosso amigo.

Um a um os nomes foram sendo tirados. Com o decorrer do tempo, uma procissão de oradores que não havia ensaiado foi revelando a história de serviços altruístas prestados por nosso amigo aos membros da comunidade.

Quase ao final da reunião, foi retirado da caixa o nome de um médico local. Durante muitos anos aquele bom médico havia sido vizinho do homenageado. Recentemente retornara de um outro estado onde se submetera ao tratamento de uma doença quase fatal. Ao falar, ele explicou que, por muitos anos, pensara em como sua vida e a de nosso amigo haviam sido devotadas ao serviço do próximo. Contou sobre as inúmeras vezes em que saíra para atender a chamados em horas pouco apropriadas, e que encontrara nosso amigo partindo para o que parecia ser o atendimento ao pedido de alguém que precisava de ajuda para resolver um problema. Nessas ocasiões, disse o médico, ele se sentira particularmente próximo de seu vizinho, devido ao serviço que ambos prestavam.

Servi por amor, e o serviço se tornará mais agradável. Servi apenas por lucro pessoal, e isso poderá custar-vos muito caro.

É apenas quando aprendemos a servir por amor ao servir e a fazer o bem a fim de abençoar a vida de outros, que começamos a conhecer a paz e a satisfação interior que advêm do servir o próximo.

Nesse momento, o médico fez uma pausa, e sua voz ficou cheia de emoção. Referindo-se à sua recente enfermidade, ele relatou como deixara aquela mesma comunidade, meses antes, sem saber se iria recuperar-se e voltar. Nenhuma reunião de despedida fora realizada em sua honra. Confessou que ficara desapontado pela óbvia diferença dos sentimentos da comunidade em relação a ele e a seu amigo, especialmente devido ao fato de que os dois prestavam serviços às pessoas de lá. Naquela noite, disse ele, aprendera o motivo dessa diferença.

Com todos os aparentes paralelos entre sua vida e a de seu amigo, havia uma diferença muito importante separando-as aos olhos dos moradores da comunidade. Por todos os seus serviços, mencionou o médico, ele havia recebido um pagamento. Essa era a diferença. Ele não compreendera até aquela noite o quanto os seus honorários lhe haviam custado.

Todos nós que conhecíamos aquele bom médico e que nos havíamos beneficiado de seus bondosos serviços, percebemos que ele estava sendo muito crítico em relação à sua própria compaixão e caridade. Mas ele conseguiu, naquelas dramáticas circunstâncias, ensinar-nos uma lição que tão cedo não esqueceríamos.

Muitos de nós exigimos honorários pelo serviço que prestamos. Não é sempre na forma de dinheiro ou recompensa material. Às vezes nos alimentamos do reconhecimento e da atenção que nossos bons atos conquistaram. A respeito dessas pessoas, o Salvador afirmou: "Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão." (Mateus 6:2.)

É apenas quando aprendemos a servir por amor ao serviço e a fazer o bem a fim de abençoar a vida de outros, que começamos a conhecer a paz e a satisfação interior que advêm do servir ao próximo. Então não nos preocupamos em ter nossos serviços mostrados em relatórios, ou em nos qualificarmos para receber distintivos, faixas e medalhas de reconhecimento. A doçura que penetra em nossa vida quando aprendemos a dar pelo dar, em si, é muito mais preciosa do que toda a atenção pública que poderemos, de outra forma, receber. E o mais importante é que, quando aprendemos a servir sem pensar em recompensas ou reconhecimentos, começamos a desenvolver um dos traços mais desejáveis que o próprio Salvador possui—e nos aproximamos dele.

Pensai neste princípio e em procurar meios para começar a desenvolver a alegria de servir em vossa própria vida. E como resultado final, vereis que esta será, provavelmente, uma das maiores recompensas que recebereis na vida. □

SERVIÇO VERDADEIRO

Kirsten Andersen

Timothy Sheppard

Quando mais jovem, eu era vizinha de uma senhora idosa, que passava a maior parte do tempo sozinha, e que raramente saía de casa. Quando ela saía, ficava fora muito tempo, e era então que me punha a trabalhar.

Pegava um ancinho ou uma vassoura, e fazia o possível para que tudo ficasse limpo ao redor da casa. Às vezes apenas lhe deixava um prato de bolachas, com um bilhete. Eu tentava muito ser amiga da senhora que morava lá, e achava que, fazendo estas coisas, ela seria agradável comigo.

Realmente eu apreciava o trabalho extra, porque isso me fazia sentir bem interiormente, mas eu pensava que me sentiria ainda melhor se ela demonstrasse que notava minha bondade. Eu a observava ao voltar para casa, e ficava desapontada por ela nunca ter tentado agradecer. Eu trabalhava tanto, e jamais recebera sequer um sorriso.

Então, num domingo, tivemos na Igreja uma aula sobre serviço, e compreendi que estivera realizando atos de serviço para minha vizinha com a expectativa de receber algo em troca. Fui para casa e conversei com minha mãe a respeito de serviço. Ela me deu uma escritura para ler. Era Mosiah 2:17:

"Mas eis que vos digo estas coisas para que aprendais sabedoria; para que saibais que, quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus."

Isto me ensinou uma lição valiosa a respeito de minhas atividades. E eu descobri que, se minha vizinha não parecia importar-se com meus esforços, o Pai Celestial se importava. □

Amo os esportes. Durante todo o tempo em que freqüentei a escola, sonhei em vencer um campeonato. Em minhas fantasias via-me fazendo a cesta vencedora num torneio de basquete, ou o ponto vencedor num importante jogo de beisebol.

No ginásio, decidi que o basquete era o meu jogo. Conseguia mover-me rapidamente e tinha boa pontaria. Joguei com afinco, e pensei que tivesse ido bem nas provas de seleção para o time de basquete da escola. Infelizmente, para minha tristeza, não fui escolhido.

Tentei o time de futebol americano, mas, novamente, meus sonhos foram por água abaixo. Nas semanas seguintes, comecei a procurar o que mais a vida tinha a oferecer. Levou algum tempo, mas fiz uma descoberta maravilhosa: há muita coisa na vida além dos esportes.

Olhei para meus colegas de classe sob novo prisma. Além do respeito que eu já tinha pelos bons atletas, comecei a apreciar os talentos individuais de cada pessoa. Maravilhei-me diante daquelas que tinham habilidades artísticas. Olhei seus quadros e deslumbrei-me com seus talentos. Outros tinham o dom da música. Observei assombrado um pianista tocar música clássica. Uma bailarina fascinou-me com sua graça e criatividade. Ri e chorei assistindo a apresentações de meus colegas em produções teatrais. Alguns de meus amigos eram excelentes em ciências. Outros escre-

"O SUCESSO DE

Steve Bunderson

viam poesias belíssimas.

Um mundo novo descortinou-se à minha frente. Lembro-me de ter pensado como era triste que esses talentos não recebessem a mesma publicidade e glória concedidas a nossos heróis esportivos. Pensei nas horas, dias, semanas, meses e anos de prática, de estudo e de meditação necessários para o desenvolvimento daqueles talentos, sem que recebessem o incentivo da torcida de uma multidão.

Gostaria que pudésseis ver o futuro e descobrir o que acontecerá com vossos colegas durante os próximos vinte e cinco anos. Adquiririeis uma perspectiva inestimável. Ficaríeis muito mais interessados no que vossos colegas *eram* do que no que *usavam*. Se pudésseis observar vossos colegas daqui a vinte e cinco anos, e depois retornar com esse conhecimento aos dias atuais, haveria um grande ajustamento em vosso raciocínio.

Com esta perspectiva "futura" em vista, compreenderíeis que o rapaz tímido, que está sentado atrás de vós, vai tornar-se médico. Descobriríeis que a moça à vossa esquerda, que está sempre lendo, irá tornar-se uma jornalista - e muito atraente, também.

Apreciaríeis melhor as qualidades espirituais de vossos colegas, as qualidades que levarão para a vida futura e para a eternidade. Teríeis orgulho de suas realizações e vos rejubilaríeis com o sucesso uns dos outros.

MEUS IRMÃOS"

Uma vez que descobri haver muita coisa na vida além dos esportes, olhei para meus colegas sob novo prisma, e comecei a apreciar os talentos individuais de cada um deles.

Um de meus exemplos prediletos deste tipo genuíno de apreço que podemos ter pelos outros foi registrado por Alma. Ele tinha estado em uma missão e se encontrava separado de Amon e seus irmãos, que também estavam em missão. Quando finalmente se reuniram, depois de muitos anos, Alma disse: "Deus me chamou por um santo chamado, para pregar a palavra a este povo, fazendo com que eu alcançasse tanto êxito, com o que muito me regozijo.

Não me regozijo, porém, somente com o meu sucesso, mas minha alegria é ainda maior por causa do sucesso de meus irmãos . . .

E quando penso no êxito desses meus irmãos, minha alma se enleva tanto que parece que se vai separar do corpo, tão grande é minha alegria." (Alma 29:13–14, 16.)

Nosso Pai Celestial abençoou-nos com variedade. Ele nos deu água e terra seca, deu-nos várias formas de plantas e vida animal, e nos deu personalidades e talentos individuais. A vida é mais interessante porque temos variedade. Teremos mais alegria e seremos mais bem sucedidos como indivíduos, se tomarmos consciência das pessoas que nos cercam, de nossa família, nossos amigos, como indivíduos, apreciando-os pelo que são. Tereis vencido uma grande batalha pessoal quando o sucesso de vossos colegas se tornar uma alegria em vossa vida, e não motivo de inveja.

Nossa busca da exaltação é só nossa. A entrada no reino celestial não é determinada por competição ou popularidade; não precisamos "vencer" ninguém para chegar lá. E quando nos cumprimentarmos uns aos outros no reino celestial, saberemos o que Alma quis dizer, quando afirmou: "Minha alegria é ainda maior por causa do sucesso de meus irmãos." □

Tereis vencido uma grande batalha pessoal quando o sucesso de vossos colegas se tornar uma alegria em vossa vida, e não motivo de inveja.

Richard Hull

POR QUE OS MISSIONÁRIOS SERVEM?

A. Lynn Scoresby

Há uma parte da vida missionária que todos os missionários têm em comum, não importa de onde tenham vindo ou para onde foram chamados.

Há uma parte da vida missionária que todos os missionários têm em comum, não importa de onde tenham vindo ou para onde foram chamados.

Numa quinta-feira à noite, numa reunião de ramo realizada no Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah, um grande grupo de crianças da Primária apareceu para cantar a respeito de se pertencer ao exército de Helamã e esperar ser chamado para a missão.

Quando as crianças terminaram de cantar, permaneceram de pé. Os élderes e as missionárias levantaram-se para cantar "Chamados a Servir", que se tornou o hino dos missionários. Os missionários haviam sido tão tocados pela música das crianças, que estavam próximos das lágrimas. Enquanto cantavam, observei as crianças. Não olhavam para o chão, ou umas para as outras. Estavam olhando intensamente para o rosto dos missionários, cujo hino prestava testemunho da fé. As crianças acreditavam nas palavras que ouviam, e sabiam que os missionários também acreditavam nelas.

Tanto os missionários quanto as crianças eram testemunhas de uma demonstração de fé quase

milagrosa, e todos a aceitavam como se fosse o mais normal dos eventos. Naquele grupo de missionários, contudo, havia indivíduos que haviam economizado durante anos para saírem em missão. Todos eles estavam dispostos a ir aonde e quando chamados. A maioria recebera uma carta de alguém que nunca tinha visto, informando-lhe que iria para um lugar onde nunca havia estado, para conhecer pessoas que nunca vira, e aprender uma língua e palestras que não sabia. A maioria iria pagar suas próprias despesas, ou receber ajuda de outras pessoas igualmente fiéis, que faziam contribuições.

Como presidente do ramo no centro de treinamento, pude observar várias centenas de rapazes e moças iniciarem a missão. O poder de sua devoção e fé impressionaram-me grandemente. Nunca encontrei um limite para o que me parecia um tremendo desejo de dar, de aprender, de ensinar, de servir. Se cansados ou menos produtivos num dia, levantavam-se no próximo determinados a fazer melhor. Alguns tinham pequenas queixas. Outros tinham fraquezas. Muitos eram imaturos. Alguns não estavam preparados. No conjunto, entretanto, era evidente que um forte sentimento de propósito os movia para a frente.

Aprendi que o que um missionário faz de seu tempo é, claramente, uma coisa individual. Alguns trabalham mais rapidamente, outros mais devagar. Alguns estão mais preparados que outros. Alguns esforçam-se para aprender; outros esforçam-se menos.

Há uma parte da vida missionária que todos os missionários têm em comum, não importa de onde tenham vindo ou para onde foram chamados. Quando enfrentam o trabalho por fazer, as possíveis tribulações, os lugares novos e estranhos, todos os missionários passaram algum tempo pensando, conversando e, provavelmente, orando, a respeito de suas razões para cumprir missão.

Observei muitos grupos de missionários debatendo o assunto. Descobri que os companheiros geralmente discutem entre si as razões de se cumprir missão. A busca de razões para cumprir missão também foi uma parte importante dos discursos proferidos nas reuniões da Igreja. Muitos oradores contaram histórias de conversões, de como haviam sido preparados por meios espirituais, quando ainda muito jovens. Alguns relataram vívidos sonhos que foram confirmados quando, mais tarde, ouviram a respeito do evangelho.

Uma missionária, por exemplo, que chamaremos de Maria, contou um sonho que teve, aos nove anos, sobre Deus como pessoa individual, não três em uma, e de um Pai Celestial cujo filho era Jesus Cristo. A crença de Maria nesta idéia causou problemas a ela e à sua família, durante o tempo que passou em escolas religiosas particulares. Ela costumava perguntar às suas colegas e professoras: "Você acredita que Deus é uma pes-

soa que tem um filho?" Depois de certo tempo, não conseguindo uma resposta satisfatória, ela parou de perguntar.

Anos mais tarde, no trabalho, quando Maria estava com pouco mais de vinte anos, ela começou a conversar com uma colega a respeito de religião. Eventualmente, a mulher convidou Maria para ir à Igreja com ela. "Primeiro quero fazer-lhe uma pergunta", disse Maria, e ficou emocionada com a resposta da mulher: "Minha Igreja ensina que Deus é o pai de todos nós e tem um filho que é Jesus Cristo."

Maria aceitou alegremente a mensagem do evangelho, foi batizada e, logo que possível, partiu para cumprir sua própria missão. Em um de seus primeiros dias no Centro de Treinamento Missionário, reconheceu seu instrutor como sendo o élder que lhe havia ensinado o evangelho meses antes.

Muitas idéias eram apresentadas como sendo razões para cumprir uma missão. Alguns missionários indagavam a si próprios se estavam saindo apenas para agradar aos pais, satisfazer uma namorada ou namorado, ou porque sua família e os membros de sua ala esperavam que fossem. Outros consideravam a possibilidade de serem parte de uma tradição cultural, onde a importância da obra missionária havia sido ensinada através de hinos e lições, desde quando eram pequenos. Muitos tinham outras razões mais individuais, como gratidão por haverem sobrevivido a acidentes, ou estavam buscando perdão para algo de que se envergonhavam.

Tendo que enfrentar o fato de estar longe de casa e da família, assim como as partes difíceis da vida missionária, eles procuraram as razões "reais". Não desejavam passar pelos desafios e dificuldades que os esperavam, a menos que tivessem boas e inspiradoras razões para fazê-lo. O esforço de aprender uma língua difícil, por exemplo, talvez não parecesse fazer sentido se o missionário estivesse apenas tentando agradar aos pais.

Eu me interessava muito pelas conversas deles. Desejava saber o que haviam descoberto a respeito de si mesmos. Observando-os, desde o dia que chegavam, podia perceber se estavam fazendo progresso e começando a perceber e compreender algumas coisas que não podiam expressar com palavras. Via-se em seus rostos, no fato de fazerem do evangelho o foco de suas conversas, e no que faziam nos momentos de contemplação silenciosa. A maioria acelerava o estudo das escrituras e prestava mais atenção ao aprendizado da língua e das palestras. Observando tudo isto, descobri exatamente o que era—a verdadeira razão pela qual os missionários servem.

Aprendi que uma missão é a união de uma alma mortal que prepara e aceita as coisas de Deus, com o Espírito de Deus. Quando isto acontece, todo missionário aprende que é parte de algo maior e mais importante que o indivíduo. Os missionários têm um papel importante a desempenhar para si mesmos e para os outros. Este papel significa a responsabilidade de pregar as idéias e ordenanças mais essenciais da vida. Sentindo o Espírito e fazendo trabalho, eles conhecem e amam o Filho—e compreendem porque servem.□

"E, [Jesus] entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu - lhe que o afastasse um pouco da terra; e ensinava do barco a multidão."

(Lucas 5:3.)